

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA**

**Populações Ceramistas do baixo São Francisco:
O sítio arqueológico Barracão e seu estilo tecnológico.**

IVAN PAIVA DE PAULA

Laranjeiras – SE
2019

IVAN PAIVA DE PAULA

**Populações Ceramistas do baixo São Francisco:
O sítio arqueológico Barracão e seu estilo tecnológico.**

**Monografia apresentado no departamento de arqueologia da
Universidade Federal de Sergipe como requisito básico para a
conclusão do curso de Bacharel em Arqueologia.**

**Orientadora: Márcia Barbosa da Costa Guimarães.
Coorientadora: Juliana Salles Machado.**

Ivan Paiva de Paula

Populações Ceramistas do baixo São Francisco:
O sítio arqueológico Barracão e seu estilo tecnológico.

Monografia entregue como exigência parcial para a obtenção do título de
bacharel em Arqueologia, a comissão julgadora da Universidade Federal de
Sergipe.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Orientadora – Doutora Márcia Barbosa da Costa Guimarães

Examinador 1 – Doutor Paulo Jobim Campos de Mello.

Examinador 2 – Doutor Bruno Sanches Ranzani da Silva

Dedico este trabalho aos meus familiares que batalharam para que meu sonho tornasse realidade, e aos meus amigos que me acompanharam nessa jornada difícil que é a graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato que eu deveria praticar com mais frequência!

Primeiramente, agradeço aos meus familiares que batalharam tanto para que eu pudesse realizar esse sonho. Em especial a minha mãe Fernanda Alves e minha Irmã Ívina Paiva por serem duas mulheres incríveis e exemplos de ser humano no qual me inspiro e a meu pai Sergio Luis que sempre lutou para conseguir educar seus filhos. Amo Vocês!

Agradeço ao meu irmão Igor Paiva por ter me escolhido como padrinho da minha afilhada Giovanna Brilhante e ser pai também do Guilherme Brilhante que são as duas crianças que mais amo nesse mundo! Que papai do céu cuide dessa estrelinha que você se tornou Gui.

Agradeço aos meus amigos de longa data que sempre aturaram minhas chatices. Em especial Maycon Douglas (e seus familiares que já considero minha segunda família), Leonardo Magalhães. Obrigado por me deixarem estar no time de vocês mesmo sabendo o quão ruim eu sou no futebol! Obrigado por me ensinarem o sentido da palavra amizade. Tamo junto e amo vocês também!

Agradeço aos meus cunhados Leandro e Ernesto que são dois homens aos quais sempre admirei por mostrarem que esse papo de macho alfa é balela.

Agradeço a Ana Caroline Sousa pela amizade incrível e por ser essa mulher sensacional a qual eu tenho um enorme carinho e admiração. Você mora no meu coração.

Agradeço a Natalya Pinheiro que mal conheço, mas já considero muito. Obrigado pela amizade.

Agradeço ao grupinho de amigos que mora em Laranjeiras. Bruna, Natasha, Mary, Adriano, Ivo, Soleira, Elaine, Larousse, André, Vinicius Azevedo, Sofia, Cayo, Larissa

e Bia que vocês se formem e a gente possa se encontrar nos contratos e pós-graduações da vida.

Agradeço ao casal de amigos que dividem casa comigo, Emanuel Victor por mostrar que é possível andar de calça jeans e chinelo de dedo e a Sílvia Seixas por ser essa baiana super gente boa.

Agradeço ao amigo Ian Caires por nunca ficar bravo quando as pessoas confundiam nossos nomes.

Agradeço aos amigos de laboratório com os quais pude trocar experiências e aprendizados incríveis. Em especial Sandra Nunes, Eunice Dantas e Adriana Schuster. Vocês já são excelentes arqueólogas!

Agradeço aos Professores que fizeram parte desse período pelo qual passei chamado graduação. Em especial ao professor Fernando Almeida por ter acreditado em mim e me proporcionado as excelentes experiências de campo e de convivência. A professora Márcia Guimarães que aceitou ser minha orientadora, a professora Juliana Salles que mal me conhecia e me ajudou como Co-orientadora, aos professores Paulo Jobim e Bruno Sanches por aceitarem compor a banca examinadora. A todos os professores que compõem o quadro do departamento de arqueologia: Gratidão!

Agradeço aos técnicos e trabalhadores da UFS, em especial ao Carlos por estar sempre sorrindo e disposto a ajudar aos alunos.

Agradeço a Stan Lee por ter criado o melhor X-men de todos: Magneto!

Agradeço a Son Goku por ter salvado a terra da maior ameaça já existente: Majin Boo.

Agradeço a Severo Snape e Cersei Lannister por mostrarem que vilões também podem ser admiráveis!

Agradeço a dupla sertaneja Bruno e Marrone por comporem a trilha sonora dos momentos de depressão durante os quatro anos da graduação.

Por fim, e não menos importante, agradeço a Deus pai todo poderoso que nos dá o livre arbítrio para decidirmos o caminho que iremos trilhar. Eu escolhi o caminho de AMAR.

RESUMO

Esta monografia buscou realizar uma análise cronológica da cerâmica arqueológica do sítio Barracão, localizado na margem esquerda do baixo curso do rio São Francisco, município de Piranhas - Alagoas, região de Xingó. Buscou-se compreender as semelhanças e diferenças do material cerâmico ao longo dos níveis de escavação e compara-las com demais sítios arqueológicos da região. Para a realização do trabalho foi analisado parte da coleção cerâmica do referido sítio, constituindo uma amostragem de mais de três mil fragmentos, distribuídos em 25 níveis arqueológicos e limpeza e os comparando por níveis arqueológicos. Com os resultados foi possível classificar a cerâmica do sítio Barracão como pertencente a tradição regional/local utilizada por Zanettine (2005), além de podermos afirmar que o sítio estudado na pesquisa e o sítio Cipó são na verdade o mesmo em momentos distintos.

Palavras Chave: Baixo São Francisco; sítio Barracão; cerâmica; análise cronológica

ABSTRACT

This monograph sought to carry out a chronological analysis of the archeological ceramics of the Barracão site, located on the left bank of the lower course of the São Francisco river, in the municipality of Piranhas - Alagoas, in the region of Xingó. It was sought to understand the similarities and differences of the ceramic material along the excavation levels and compare them with other archaeological sites of the region. For the accomplishment of the work was analyzed part of the ceramic collection of said site, constituting a sampling of more than three thousand fragments, distributed in 25 archaeological levels and cleaning and comparing them by archaeological levels. With the results, it was possible to classify the ceramics of the Barracão site as belonging to the regional / local tradition used by Zanettine (2005), and we can affirm that the site studied in the research and the Cipó site are actually the same at different times.

Key-Words: Lower São Francisco; Barracão site; ceramics; chronological analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1. BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO FRANCISCO E SUAS DIVISÕES	17
FIGURA 2. ECOSSISTEMAS DO RIO SÃO FRANCISCO.....	17
FIGURA 3. ROTAS DE POVOAMENTO DO RIO SÃO FRANCISCO.....	21
FIGURA 4. PAINEL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO JOÃO.....	22
FIGURA 5 DECORAÇÃO EXCISA	23
FIGURA 6. DECORAÇÃO EXCISA.	24
FIGURA 7. DECORAÇÃO ROLETADA.	24
FIGURA 8 VASILHAME INTEIRO DO SÍTIO JUSTINO.....	24
FIGURA 9. MAPA NIMUENDAJÚ COM FOCO EM PARTE DO RIO SÃO FRANCISCO.	26
FIGURA 10. ANGULOSIDADE DOS MINERAIS.....	33
FIGURA 11. CERÂMICA COM A PRESENÇA DE FURO DO NÍVEL 7.	37
FIGURA 12. CERÂMICA COM DECORAÇÃO PINTADA DO NÍVEL 3.	41
FIGURA 13 RECONSTITUIÇÃO DE BORDA DO NÍVEL 16.....	46
FIGURA 14. RECONSTITUIÇÃO DE BORDA DO NÍVEL 7.....	46
FIGURA 15. RECONSTITUIÇÃO DE BORDA DO NÍVEL 6.....	46
FIGURA 16. RECONSTITUIÇÃO DE BORDA DO NÍVEL 5.....	47
FIGURA 17. RECONSTITUIÇÃO DE BORDA DO NÍVEL 3.....	47
FIGURA 18 LOUÇA COM DECORAÇÃO PINTADA A MÃO.	49
FIGURA 19. SEMELHANÇA DAS BORDAS. IMAGEM SUPERIOR: BORDAS DO SÍTIO BARRACÃO, IMAGENS A, B E C BORDAS DO SÍTIO CIPÓ.....	50
FIGURA 20. CERÂMICAS COM TRATAMENTOS DE SUPERFÍCIE ESFUMARADO. A ESQUERDA FRAGMENTOS DO SÍTIO BARRACÃO E A DIREITA FRAGMENTO DO SÍTIO CIPÓ.	50
FIGURA 21. AO CENTRO IMAGEM DA VASILHA XOKÓ ENCONTRADA NO FUNDO DO RIO SÃO FRANCISCO PRÓXIMO A ILHAS DE SÃO PEDRO EM PORTO DA FOLHA. A ESQUERDA PROVÁVEL RECONSTITUIÇÃO DE FRAGMENTO DO SÍTIO BARRACÃO E A DIREITA RECONSTITUIÇÃO HIPOTÉTICA REALIZADA POR SCHUSTER PARA O SÍTIO CIPÓ. FONTE: SCHUSTER 2018 ADAPTADO.	51
FIGURA 22. SEMELHANÇA ENTRE AS DECORAÇÕES E MORFOLOGIA DAS BORDAS DO SÍTIO BARRACÃO EM CIMA, XOKÓ E DO SÍTIO CIPÓ A	

ESQUERDA E DIREITA RESPECTIVAMENTE. FONTE SCHUSTER 2018 ADAPTADO.....	51
FIGURA 23. CERÂMICA COM DECORAÇÃO PINTADA DO SÍTIO LAMARÃO.....	55
FIGURA 24. CERÂMICA ESMALTADA DO SÍTIO VITÓRIA RÉGIA I.	56
FIGURA 25. CERÂMICA DO MUNICÍPIO DE BARRA.....	57
FIGURA 26. CERÂMICA DO MUNICÍPIO DE BARRA.....	57
FIGURA 27. FICHA BASE UTILIZADA NA ANÁLISE CERÂMICA.....	66

MAPAS

MAPA 1. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO BARRACÃO.....	14
MAPA 2. SÍTIOS LOCALIZADOS NO PAX.	20
MAPA 3. LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS BARRACÃO E CIPÓ.....	48
MAPA 4. SÍTIOS CERÂMICOS COM OS QUAIS FORAM COMPARADOS OS VESTÍGIOS CERÂMICOS DO SÍTIO BARRACÃO.....	53

GRÁFICOS

GRÁFICO 1. QUANTIDADE DE FRAGMENTOS POR NÍVEL ARQUEOLÓGICO.....	31
GRÁFICO 2. QUANTIDADE DE CATEGORIAS ANALISADAS.....	31
GRÁFICO 3. QUANTIDADE DE RECONSTITUIÇÕES POR NÍVEL ARQUEOLÓGICO.	45

TABELAS

TABELA 1. ALGUNS PEIXES ENCONTRADOS NA REGIÃO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO FRANCISCO.....	18
TABELA 2. . POVOS INDÍGENAS HABITANTES DO BAIXO SÃO FRANCISCO.....	26
TABELA 3. CATEGORIA.....	32
TABELA 4 MANUFATURA.	33
TABELA 5. ANTIPLÁSTICOS.....	33
TABELA 6. ÂNGULO DO ANTIPLÁSTICO.	34
TABELA 7. COR DA SUPERFÍCIE E TIPO DE QUEIMA.....	35
TABELA 8. ALISAMENTOS E TRATAMENTOS DE SUPERFÍCIE.....	36
TABELA 9. ESTADO DE CONSERVAÇÃO, MARCAS E SINAIS DE USO.....	37
TABELA 10. MORFOLOGIA, INCLINAÇÃO E ESPESSURA DA BORDA.	38
TABELA 11. DIÂMETRO DA BORDA.....	39
TABELA 12. LÁBIO E ESPESSURA DO LÁBIO.....	39
TABELA 13. LÁBIO E ESPESSURA DO LÁBIO.....	40
TABELA 14. DECORAÇÃO PLÁSTICA, PINTADA E LOCAL DA DECORAÇÃO.	42

TABELA 15. CAPACIDADE VOLUMÉTRICA DAS FORMAS RECONSTITUIDAS.	44
TABELA 16. DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS POR NÍVEL ARQUEOLÓGICO.....	45
TABELA 17. DISTÂNCIA ENTRE OS SÍTIOS.....	54

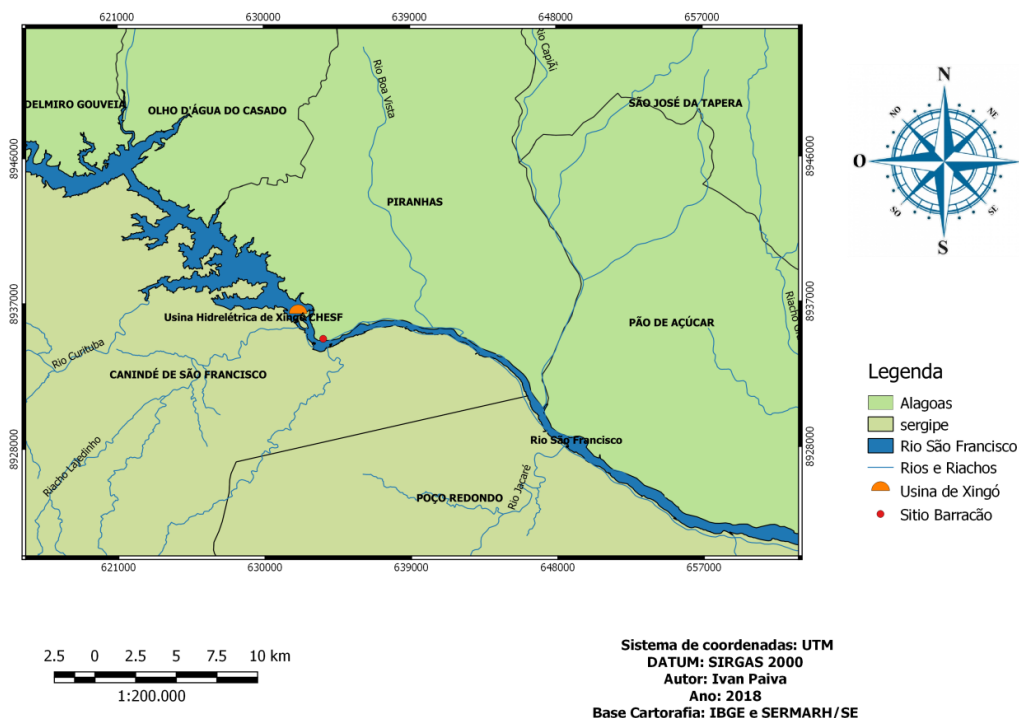
SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo 1 – Contextualizando a região de Xingó.	16
1.1.Contexto Ambiental.....	16
1.2 Contexto das pesquisas arqueológicas.....	19
1.3 Contexto etnográfico e etnohistórico.....	25
Capítulo 2 – Metodologia e resultado das análises.....	29
2.1 Tabelas de comparação de níveis.....	32
2.2 Reconstituição dos vasilhames	43
Capítulo 3 – Comparações e discussões.....	47
3.1 Barracão e Cipó: o mesmo sítio arqueológico?.....	48
3.2 Comparações inter sítios	52
3.3 Semelhanças com a cerâmica produzida em Barra (BA).....	56
Considerações finais.....	58
Referências Bibliográficas.....	60
Anexos.....	65

Introdução:

A presente pesquisa pretende produzir dados arqueológicos que possam ser úteis na compreensão da ocupação ceramista do sítio arqueológico Barracão (AL). Partindo da variabilidade arqueológica encontrada no referente sítio durante as escavações realizadas pelo projeto PAX (PROJETO ARQUEOLÓGICO XINGÓ). Com base na interpretação da sequência cronológica dos artefatos cerâmicos, poderemos contribuir para um entendimento das mudanças e semelhanças ocorridas durante o período de ocupação dessa população ceramista e comparar com outros vestígios cerâmicos da região do baixo curso do rio São Francisco. Nesse sentido, podemos sintetizar a problemática da presente pesquisa na seguinte questão: Como a variabilidade arqueológica do sítio Barracão contribui para o entendimento da ocupação do mesmo e das populações horticultores ceramistas do baixo curso do rio São Francisco? Utilizaremos para isso o conceito de variabilidade dado por Schiffer e Skibo no qual essa é vista como as diferenças e semelhanças de um conjunto dentro de um tempo e de um espaço (SCHIFFER & SKIBO, 1997, P. 27).

O sítio arqueológico Barracão, foco da presente pesquisa, está localizado na margem esquerda do rio São Francisco em um terraço fluvial no município de Piranhas, estado de Alagoas, como mostra o mapa a seguir.



Mapa 1. Localização do sítio Barracão.

Durante a realização do projeto do PAX a metodologia de escavação utilizada no sítio Barracão foi a descrita no relatório final do Iphan março 2006. Nas palavras do relatório:

Os procedimentos utilizados para escavação dos sítios aqui expostos seguem os padrões estabelecidos para Xingó que, sucintamente, podemos descrever como uso do método de superfícies tropicais instituído por André Leroi-Gourhan (1950,1972), com o uso da técnica de decapagens, partindo dos seguintes princípios:

- *Limpeza da área.*
- *Levantamento topográfico, altimétrico e planimétrico.*
- *Estabelecimento de um sistema de referências através de um quadriculamento 5x5 m.*
- *Ampliação da escavação abrangendo toda área e atingindo o embasamento rochoso.*
- *Plotagem dos vestígios encontrados.*
- *Levantamento do perfil dos cortes deixados pela escavação.*
- *Desenho dos planos dos enterramentos e das fogueiras*
- *Realização dos cortes estratigráficos.*

No final dos procedimentos de escavação do sítio Barracão a área escavada foi a equivalente a 221m², alcançando o embasamento rochoso no nível 50 com uma profundidade de 5,20 m, o que nos sugere terem sido utilizados níveis artificiais de mais ou menos 10 cm diferindo das decapagens naturais proposta na metodologia de escavação, porém vestígios arqueológicos só foram encontrados até o nível 25 (VERGNE, 2006, P.22).

Para facilitar o entendimento de você leitor a pesquisa foi dividida em três capítulos:

1) Contextualização:

- i) Ambiental;
- ii) Arqueológica;
- iii) Etnografica/etnohistórica.

2) Metodologia e resultados:

- i) Tabelas de comparação entre níveis;
- ii) Metodologia de reconstituições;

3) Discussão:

- i) Intra sítio;
- ii) Entre sítios.

Capítulo 1 – Contextualizando a região de Xingó.

A bacia do rio São Francisco possui uma área de drenagem 639.219 km² abrangendo grande parte do território nacional (7,5%). Percorre seis estados brasileiros mais o distrito federal, sendo um dos complexos mais importantes da América do sul. Está situada entre as regiões sudeste e nordeste brasileiro, chegando a atingir mais de 500 municípios destas regiões (ALMEIDA & KLOKER, 2016). Essa bacia possui 36 afluentes mais importantes dentre esses apenas 19 são perenes como, por exemplo, os rios Para, Paraopeba, Paracatu e Corrente (PERREIRA et al, 2007, p. 616). A região onde se localiza o sítio foco desta pesquisa é conhecida como Xingó e segundo Cleonice Vergne (1998) fica entre o noroeste do estado de Sergipe e sudoeste do estado de Alagoas no baixo curso do rio.

Para entendermos melhor o contexto de Xingó dividiremos este capítulo em 3 tópicos, A saber: Contexto Ambiental, as pesquisas arqueológicas e por fim as pesquisas etnográficas/etnohistoricas.

1.1 – Contexto Ambiental

A bacia hidrográfica do rio São Francisco é dividida em quatro regiões fisiográficas (identificadas na figura 1), e cada uma apresentam características geológicas distintas que vão desde rochas do pré-cambriano até sedimentos e coberturas recentes do quaternário. O baixo curso do rio São Francisco, possui rochas do pré-cambriano indivisível, rochas cretáceas do Subgrupo Coruripe indiviso e sedimentos quaternários de formação barreiras (CADERNO DA REGIÃO HIDROGRÁFICA DO SÃO FRANCISCO, 2006, p.23). Conhecê-las pode ajudar a mapear áreas com potenciais de utilização para os povos que ali habitaram. Como por exemplo, áreas com jazidas de algum mineral utilizado para confeccionar ferramentas líticas.



Figura 1. Bacia Hidrográfica do rio São Francisco e suas divisões

Fonte: Costa, 2003.

A bacia hidrográfica do São Francisco é composta por diversos ecossistemas, sendo a maior parte composta pela caatinga e o cerrado (CADERNO DA REGIÃO HIDROGRÁFICA DO SÃO FRANCISCO, 2006, p.54). A figura 2 mostra em destaque os ecossistemas que permeiam o Rio São Francisco.

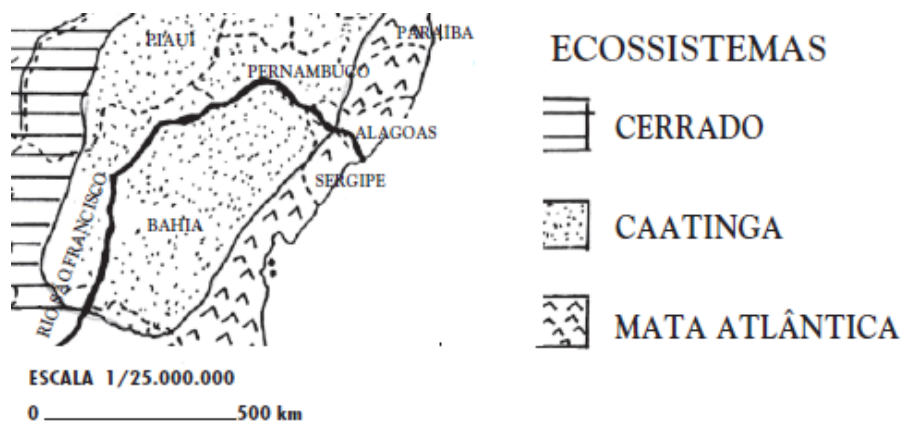


Figura 2. Ecossistemas do rio São Francisco

Fonte: Etchevarne, 2000. Adaptado.

Essa bacia possui áreas de transição entre cerrado e caatinga e formações pioneiras, como mangues e vegetação litorânea, característica do baixo São Francisco (CADERNO DA REGIÃO HIDROGRÁFICA DO SÃO FRANCISCO, 2006, p. 54). Essa diversidade de biomas proporciona uma grande variedade de fauna e flora que certamente foi aproveitada pelos habitantes pré e pós-coloniais que ali habitaram e ainda hoje habitam, seja para caça, coleta ou manejo de espécies vegetais no caso dos povos pré-coloniais.

O clima predominante da região é o sub úmido. O período chuvoso na região vai de maio/junho até meados de agosto/setembro (CADERNO DA REGIÃO HIDROGRÁFICA DO SÃO FRANCISCO, 2006, p.31-32).

Não é pretensão alguma afirmar que no período pré-colonial grande parte dos povos que habitavam o continente utilizava da pesca em sua dieta alimentar e/ou para celebrações rituais (GUIMARÃES 2003, p.5, ROSA 2006). Os diversos sambaquis encontrados por todo o país são bons exemplos da utilização da pesca pelos povos que aqui habitaram. Nesse sentido, falar da ictiofauna da região do baixo São Francisco é de fundamental importância para melhorarmos os conhecimentos a cerca de dieta e contextos rituais dos povos que habitaram essa porção do país. Alguns estudos zooarqueológicos vêm sendo realizados para melhorar a coleção de referências de material ósseo de peixes, como, por exemplo, Macley (2017) para a região. Costa identificou várias espécies de peixes para a região da bacia do São Francisco (COSTA et al 2003). A tabela 1 mostra algumas das espécies encontradas para a bacia. No sítio Barracão não foram encontrados vestígios arqueológicos dessa natureza, não nos permitindo obter mais informações sobre o grupo ou povos que ali deixaram vestígios de suas culturas.

Tabela 1. Alguns peixes encontrados na região da bacia hidrográfica do rio São Francisco

Espécies de água doce		Espécies Marinha/Estuarina	
Nome Científico	Nome Vernacular	Nome Científico	Nome Vernacular
<i>Steindacherina elegans</i>	Aragu	<i>Bagre sp.</i>	Bagre
<i>Leporinus piau</i>	Piau Preto	<i>Selenaspis herzbergii</i>	Bagre
<i>Leporinus sp.</i>	Piau três pintas	<i>Caranx sp.</i>	Xaréu
<i>Schizodon kneri</i>	Piau branco	<i>Eugerres brasiliensis</i>	Carapeba

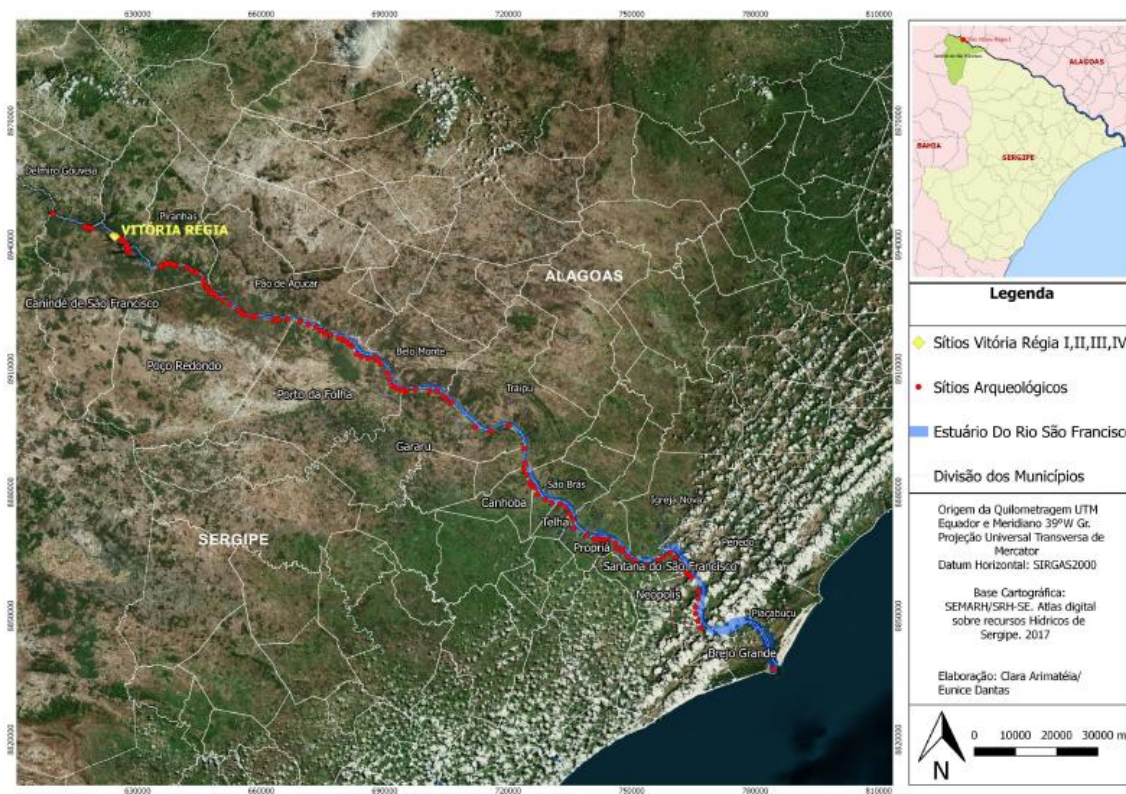
<i>Salminus hilarii</i>	Tubarana branca	<i>Centropomus paralellus</i>	Camurim
<i>Centropomus pectinatus</i>	Robalo	<i>Centropomus pectinatus</i>	Robalo
<i>Prochilodus sp.</i>	Curimatá	<i>Tarpon atlanticus</i>	Camurupim
<i>Prochilodus argenteus</i>	Xira	<i>Anchoviella lepidentostole</i>	Pilombeta
<i>Prochilodus costatus</i>	Curimatá	<i>Stellifer sp.</i>	Cabeça de côco
<i>Pseudoplatystoma coruscans</i>	Surubim	<i>Lutjanus sp.</i>	Caranha
<i>Serrasalmus rhombeus</i>	Piranha preta	<i>Mugil brasiliensis</i>	Curimã
<i>Serrasalmus piraya</i>	Piranha vermelha	<i>Mugil sp.</i>	Tainha
<i>Serrasalmus brandii</i>	Pirambeba	<i>Hyporhamphus sp.</i>	Agulha
<i>Myleus micans</i>	Pacu	<i>Gerres sp.</i>	Carapicú
<i>Pimelodus maculatus</i>	Mandi amarelo		
<i>Cichla ocellaris</i>	Tucunaré		
<i>Cichla sp.</i>	Tucunaré		
<i>Lophiosilurus alexandri</i>	Niquim		
<i>Pseudopimelodus zungaro</i>	Pacamão		
<i>Hoplias malabaricus</i>	Traíra		
<i>Cichlasoma sp.</i>	Cará		
<i>Colossoma macropomum</i>	Tambaqui		
<i>Pachyurus francisci</i>	Curvina Branca		
<i>Pachyurus squamipinnis</i>	Curvina		
<i>Hypostomus commersonii</i>	Carí		
<i>Hypostomus margaritifer</i>	Carí pintado		
<i>Sternopygus macrurus</i>	Sarapó		
<i>Oreochromis niloticus</i>	Tilápia		
<i>Plagioscion squamosissimus</i>	Pescada		
<i>Cyprinus carpio</i>	Carpa		
<i>Acestrorhynchus lacustris</i>	Lambia		
<i>Parauchenipterus galeatus</i>	Cumbá		
<i>Astronotus ocellatus</i>	Apaiari		

Fonte: Costa et al, 2003.

1.2- Contexto das pesquisas arqueológicas

As pesquisas arqueológicas relativas ao nordeste brasileiro são bastante escassas até a primeira metade do século XX. Segundo Martin (2005) existiu um atraso nas pesquisas arqueológicas nordestinas até meados da década de 1960 quando se iniciam estudos sistemáticos por alguns autores como Larache, Albuquerque, Lucena e as descobertas de Guidon na Serra da Capivara PI (MARTIN, 2005). Martin justifica a falta de estudos na região devido às pesquisas realizadas nos sambaquis do sul do país, aos sítios encontrados no estado de Minas Gerais e as missões estrangeiras destinadas ao estudo das complexas cerâmicas amazônicas (MARTIN, 2005). Atualmente, mesmo aumentando o número de pesquisas, ainda se verifica uma escassez de trabalhos sobre as populações horticultores e ceramistas da região do baixo São Francisco e as pesquisas que existem foram fruto da implantação da UHE Xingó finalizado há mais de 11 anos. Tais trabalhos foram realizados em sítios arqueológicos identificados pelo projeto PAX – PROJETO ARQUEOLÓGICO XINGÓ que começa no fim da década de 1980 e início dos anos 1990 sendo encontrados 287 sítios arqueológicos (Mapa 2). Podemos citar alguns trabalhos realizados na região, tais como os de Suely Luna (2001), Cleonice Vergne e colaboradores (2001, 2004,

2007), Marcelo Fagundes (2009, 2010), Vladimir Dantas e Tânia Andrade Lima com o livro: Pausa para um banquete (2006), entre outros. O sítio arqueológico Justino, localizado em Canindé de São Francisco, SE, e estudado por diversos pesquisadores (CARVALHO, 2007; MELLO 2005, FAGUNDES 2010, VERGNE AT AL 2001) apresenta datações de ocupações muito antigas, chegando a quase 9 mil anos A.P (FAGUNDES 2010).



Mapa 2. Sítios Localizados no PAX. Fonte Dantas: 2018.

A primeira pergunta que surge para essas ocupações de caçadores/pescadores coletoras tão antigas da região do baixo São Francisco é: de onde vieram esses povos que habitaram esses sítios? Lucas Bueno acredita que no Holoceno inicial todo o continente sul-americano já estava povoado (BUENO, 2007). Alguns exemplos de sítios arqueológicos pleistocênicos poderiam corroborar com a ideia de alguns pesquisadores de que os primeiros povos caçadores pescadores/coletores teriam chegado a região de Xingó vindos do Brasil central (CARVALHO, 2003; MELLO, SILVA E FOGAÇA 2007; MARTINS, 2008), como o abrigo Toca do Boqueirão sítio da Pedra Furada, escavado por Niéde Guidon na Serra da Capivara com datações de 48 mil anos A.P (Guidon, 1998, p.41), e o sítio abrigo Santa Elina, estudado pelo casal de arqueólogos Águeda e Denis Vialou, no estado do Mato Grosso, com datações de 25 mil anos A.P (VIALOU & VIALOU, 2009, p.35). Outra hipótese para o povoamento inicial desses primeiros povos pode ser explicado com as rotas sugeridas por Bueno e

Dias (BUENO E DIAS, 2015). Tais autores sugerem três rotas de povoamento leste do continente sul-americano. Uma delas responde o nosso questionamento, pois demonstra a interiorização do rio São Francisco como mostra a figura 3. Essa rota esta associada a tradição Itaparica e muito provavelmente o rio São Francisco teria ligado a costa norte brasileira com o nordeste e o Brasil central (BUENO E DIAS, 2015, p.135) na visão dos autores.

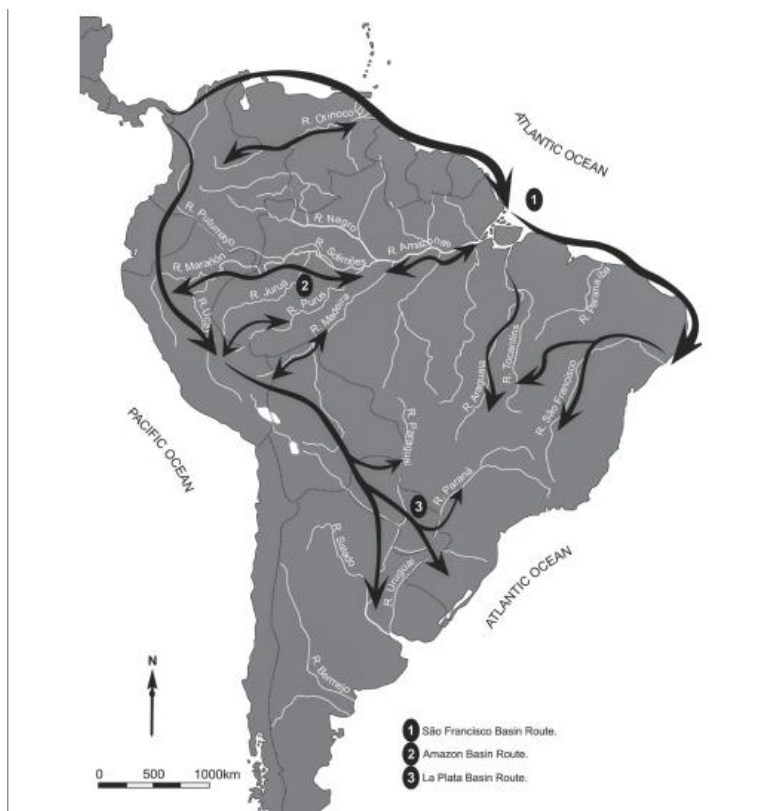


Figura 3. Rotas de povoamento do Rio São Francisco.

Fonte: Bueno e Dias 2015.

O já mencionado sítio arqueológico Justino apresenta técnicas de polimento constatadas nas níveis mais antigas juntamente com material lítico lascado (VERGNE ET AL, 2001, p. 122). A grande questão relativa ao material lítico do Sítio Justino se deve a não evidência desse possuir o horizonte cultural da tradição Itaparica e associada ao processo de povoamento inicial do Rio. Nas palavras de Gabriela Martin:

“Contrariamente ao que se poderia esperar, as indústrias líticas coletadas na área de Xingó não apresentam os elementos caracterizadores da tradição Itaparica.”(MARTIN, 1998)

Essa tradição foi identificada por Calderón na década de 1970 em um abrigo rochoso no submédio São Francisco conhecido como Gruta do Padre (CALDERÓN, 1972

APUD ETCHEVARNE 2000, p. 119). Os artefatos pertencentes a esse horizonte cultural da tradição Itaparica se caracterizam por lascas retiradas de seixos (abundantes no rio São Francisco) que davam origem a instrumentos diversos predominando os raspadores semicirculares e com outras morfologias, além dos planos convexos (ETCHEVARNE, 2000, p. 120).

Outra importante manifestação antrópica que pode ser identificada em toda a extensão do rio São Francisco são os registros rupestres. É difícil traçar cronologias para esse tipo de vestígio devido à dificuldade em datá-las. Os trabalhos realizados com esse tipo de vestígio puderam perceber unidades estilísticas que caracterizariam tradições. As principais que podemos destacar são a: Tradição São Francisco, encontrada desde o alto vale do rio até o baixo curso do mesmo, a tradição nordeste e a agreste (ETCHEVARNE, 2000, p 127).

Durante a realização do projeto PAX, foram identificados 18 sítios arqueológicos que possuem esse tipo de vestígio (VERGNE, 1998, p.43). A figura 4 mostra uma imagem do painel rupestre do sítio arqueológico João, pertencente ao complexo da fazenda mundo novo:



Figura 4. Painel do sítio arqueológico João.

Fonte: Souza 2013, p.90.

Não podemos deixar de mencionar os vestígios cerâmicos, objetos de análise de nossa pesquisa. Segundo Sueli Luna (2001), há pelo menos 5 mil anos A.P os habitantes dessa região já possuíam um bom conhecimento da produção cerâmica.

Para a mesma autora a cerâmica fazia parte do cotidiano de diversas populações pré-coloniais nordestinas podendo nos indicar algumas atividades e comportamentos dos povos que a produziram, tais como os tipos de alimentos consumidos, ou ainda informações acerca do comércio e contatos culturais. Esta autora discute que geralmente o aparecimento da cerâmica está ligado à presença de agricultura, porém nos mostra que não se pode generalizar tal correlação.

As cerâmicas pré-coloniais encontradas na região do baixo São Francisco são caracterizadas como exclusivas da região de Xingó (ALMEIDA & KLOKLER, 2016). O que vai de encontro com o que diz Gabriela Martin (1998) que nos remete a povos ceramistas que não possuem características que as liguem a alguma tradição estabelecida pelos arqueólogos.

Luna (2001) nos faz uma descrição de 32 sítios arqueológicos identificados pelo PAX com a presença de vestígios cerâmicos, dos quais essa autora estuda apenas 21 por estes apresentarem cerâmicas pré-contato europeu, totalizando uma amostra de 16.334 fragmentos cerâmicos. O sítio Justino foi o que apresentou maior número desses fragmentos 13.862 (LUNA, 2001, p.99). Nos resultados de suas análises essa autora vai nos mostrar que os vestígios cerâmicos eram produzidos por roletes ou modelagem com bases côncavas. Possuíam alisamentos, polimentos, engobo vermelho e decorações plásticas diversas desde exciso e ungulados até ponteados e corrugados, além de decorações pintadas em branco e vermelho. Já os antiplásticos eram compostos por areia, mica, caco moído e bolotas de argila (LUNA, 2001, p.194). Em relação às bordas Dantas e Lima (2006) vão nos dizer que para os vasilhames inteiros essas são em sua maioria diretas e com lábios arredondados (DANTAS & LIMA, 2006, p.20). As figuras a seguir ilustram um pouco as características dessa cerâmica.

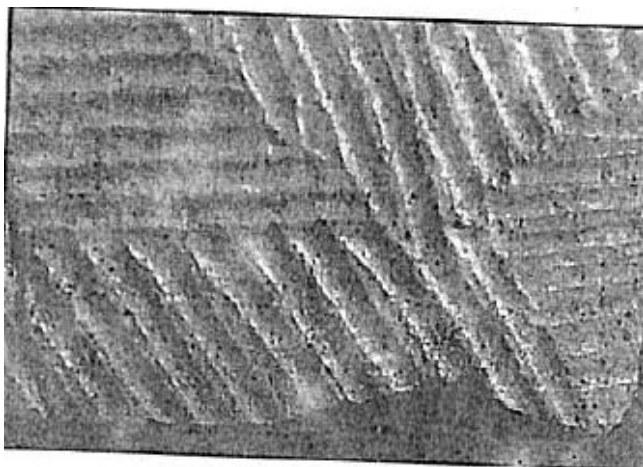


Figura 5 Decoração Excisa

Fonte: Luna, 2001, p.221.

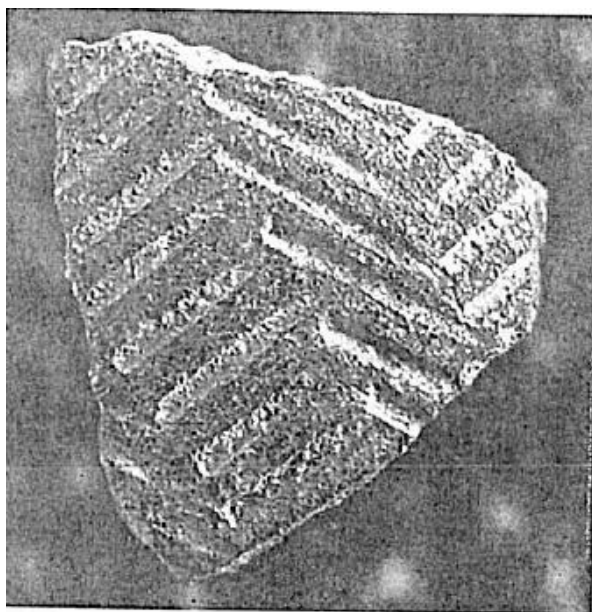


Figura 6. Decoração Excisa.

Fonte: Luna, 2001, p.220.

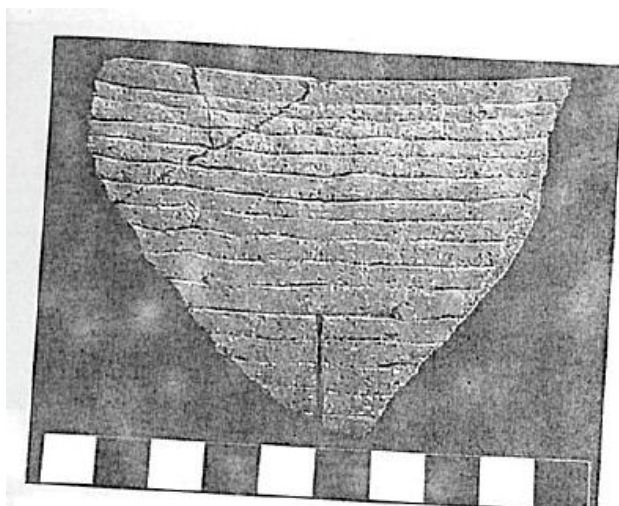


Figura 7. Decoração roletada.

Fonte: Luna, 2001, p.226.



Figura 8 Vasilhame inteiro do sítio Justino.

Fonte: Dantas e Lima, 2006, p.20.

Passemos agora ao contexto etnográfico/etnohistórico da região.

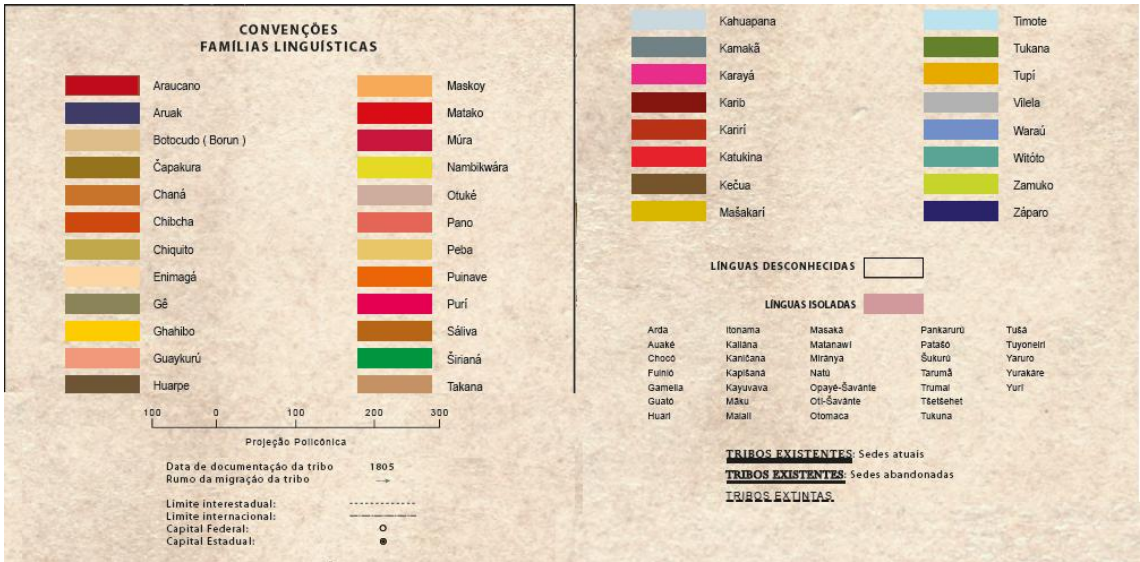


Figura 9. Mapa Nimuendajú com foco em parte do Rio São Francisco.

O trabalho realizado pela antropóloga Beatriz Dantas e publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe é importante para nos ajudar a compreender a ocupação do baixo São Francisco (DANTAS, 1987). Ela aborda os povos indígenas do nordeste não mais com o olhar que denominou “Tupimania”, no qual esses povos (Tupis) foram bem descritos e caracterizados ao longo de todo o período colonial e até mesmo depois desse período. Sua abordagem nos mostra a vasta dimensão de línguas e povos que ocupavam e ocupam as áreas do interior ao longo dos diversos rios que cortam o nordeste (DANTAS, 1983).

Outro trabalho que faz menção aos povos que habitavam o baixo curso do rio São Francisco é o de Hohenthal Júnior (1960), no qual o autor nos dá algumas informações sobre esses povos como podemos visualizar na tabela a seguir:

Tabela 2. . Povos indígenas habitantes do baixo São Francisco.

Povos	Estado	Observações
Aramuru	Sergipe	Relatos desse grupo no baixo São Francisco em 1759.
Boime (Poyme)	Sergipe	Relatos desse grupo no baixo São Francisco em 1627-1643.
Caxangó	Sergipe	Relatos desse grupo no baixo São Francisco em 1759.
Romaris (Omaris)	Sergipe	Relatos desse grupo no

		baixo São Francisco em 1759. Martius os classifica como sendo cariris.
Tupinanbá	Sergipe	Relatos desse grupo na embocadura do Rio São Francisco em 1557.
Aconas (acconans, iakóna, jaconans, nacona, uaconá, wakona)	Alagoas	Relatos desse grupo no baixo São Francisco em 1746. Em 1817 são mencionados como habitantes de Lagoa comprida e 1937 Porto real do colégio.
Carapotios	Alagoas	Relatos desse grupo no baixo São Francisco em 1749-1761 em Penedo.
Carirís	Alagoas	Existem outras versões deste nome Cayriri, kareriz Quiriri. Relatos em Penedo 1749.
Moriquitos	Alagoas	Tribo “tapuya” do baixo São Francisco.
Natú	Alagoas	Relatos desse grupo na embocadura do rio São Francisco em 1746. Em 1937 ao redor de Porto Real do Colegio e 1952 Pacatuba Sergipe.
Prakio	Alagoas	Relatos desse grupo em Porto Real do Colegio 1937.
Prarto	Alagoas	Relatos desse grupo na embocadura do Rio São

		Francisco em 1746. Produziam Cerâmica.
Xocó	Alagoas	Existem pelo menos dois povos com este nome. Os de Alagoas são mencionados em Penedo em 1749 e 1761.

Fonte: Hohenthal 1960.

* Somente selecionamos os povos dos estados de Alagoas e Sergipe, apesar do autor citar outros da Bahia¹ e Pernambuco².

No site do ISA³ (Instituto Sócio Ambiental), dos povos descritos na tabela somente encontra-se dados referentes aos povos Xocó, e as informações obtidas mostram que estes estão na margem sergipana na cidade de Porto da Folha e contam com cerca de 400 habitantes.

No site⁴ da secretaria de estado da cultura de Alagoas encontramos algumas informações sobre o histórico de algumas das cidades citadas por Hohenthal. Nos chama a atenção especificamente para a de Porto Real do Colégio na qual existe a informação da presença de cerâmica indígena que utiliza-se do tauá. Outra informação desse mesmo site é referente a Piranhas, cidade onde localiza-se o sítio arqueológico em questão da presente pesquisa, na qual relata-se que o surgimento da navegação a vapor, em 1867, deu um novo impulso a cidade, com o percurso Penedo – Piranhas.

A dissertação de mestrado em artes visuais de Carla Cristina C. da Costa, defendida na UFBA no ano de 2008, nos parece relevante para a presente pesquisa. Tal dissertação apresenta a cerâmica produzida na cidade Ribeirinha de Barra, localizada na margem esquerda do rio São Francisco no ponto de encontro deste com o rio Grande (submédio São Francisco). Podemos supor que a cerâmica do Barracão pode ter sofrido uma influência do comércio e tráfego do rio, tal hipótese se baseia na posição geográfica do sítio arqueológico Barracão que estaria em uma área ao fim das corredeiras do rio São Francisco. Locais como estes serviriam de ponto de paradas

¹ Acaroazes, Anaupirás, Aricobé, Aroderas, Cajurus, Massacarã, Oren, Pankararé, Pontas, Sacragrinhas, Tupinã, Tupinambã e Tuxá.

² Abacatiara, Ansús, Aracapá, Avis, Caetes, Cajaú, Caraiba, Carapotó, Cararús, Caripó, Carirí, Huanói, Maquarú, Massacarã e Pankararú.

³ <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xok%C3%B3>

⁴ <http://www.cultura.al.gov.br/municipios/historico-dos-municipios/historico-do-municipio-de-porto-real-do-colegio>
<http://www.cultura.al.gov.br/municipios/historico-dos-municipios/historico-do-municipio-de-piranhas>

para comercio e/ou trocas (MAUSS 2012, APUD ALMEIDA E KATÉR 2017, p.4). Ao analisar o histórico da cerâmica produzida nesse município a autora nos traz informações sobre como essa cidade foi durante muito tempo referencia na comercialização de objetos cerâmicos por todo o rio São Francisco. Em seu tópico relativo à navegação do rio São Francisco e influência para a economia de Barra (pág. 33) a autora utiliza-se de algumas citações as quais nos parecem relevantes. Uma destas é a feita por Unger (1977, P.25, APUD COSTA 2008), apesar de esta não citar as fontes, nos informa que durante o período colonial os padres da companhia de Jesus encomendavam as oleiras ceramistas de Barra os utensílios domésticos que utilizavam na capital (Salvador) e que provavelmente esse percurso seria via São Francisco até a região atual do estado de Alagoas (COSTA, 2008, p. 34).

Discutiremos melhor a cerâmica de Barra (BA) depois que apresentarmos as características dos vestígios cerâmicos do sítio Barracão na qual mostraremos uma semelhança entre essas e uma possível relação entre as duas.

Capítulo 2 – Metodologia e resultado das análises

Para caracterizar os fragmentos cerâmicos coletados na escavação feita no sítio arqueológico Barracão utilizamos a metodologia aplicada no Projeto Baixo São Francisco (PROBASÃO), em que consiste fazer uma comparação dos níveis arqueológicos juntamente com artefatos cerâmicos de acordo com categorias escolhidas. Nas palavras dos autores do projeto:

“A análise dos fragmentos cerâmicos obtidos por meio da intervenção nos sítios arqueológicos deve buscar detectar as escolhas feitas pelas ceramistas durante as várias etapas da produção do vaso [...] Para analisar as coleções artefatuais, provenientes das etapas de campo ou do acervo cerâmico do Museu de Xingó, foram escolhidas categorias que possibilitassem identificar a variabilidade do material arqueológico, especialmente quanto à tecnologia cerâmica.” (ALMEIDA & KLOKLER, 2016, p.11)

A imagem 27 (anexos) nos mostra a ficha base utilizada como base nas análises. Cabe ressaltar que somente foram analisados fragmentos maiores que 2 cm, sendo apenas contabilizados os que possuíam tamanho igual ou menor que 2cm. Outra ressalva importante é que para a presente pesquisa foram analisados o total de fragmentos coletados durante o processo de escavação do sítio entre os níveis 2 ao 25. Sendo assim, a nossa amostragem é composta por 3.505 fragmentos.

Para conseguirmos atingir o objetivo proposto a presente pesquisa foi dividida em cinco etapas até a sua conclusão. Tais etapas consistiram em:

1. Levantamento de quantidade de fragmentos cerâmicos por nível arqueológico e levantamento fotográfico – Realizado no Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) e encaminhado ao Iphan para liberação do transporte do material a Universidade Federal de Sergipe.
2. Análise da coleção cerâmica amostrada – Realizada no Laboratório de Paisagem e Sociedade (LAPSO) da Universidade Federal de Sergipe;
3. Análise morfológica dos vasilhames cerâmicos – reconstituições das formas com sua capacidade volumétrica;
4. Organização dos dados obtidos;
5. Interpretações dos dados e redação do trabalho de conclusão de curso.

Vergne (2006) relata que entre os níveis 25 e 6 os vestígios cerâmicos foram consideradas como pré-coloniais, representando 2,44% do total de fragmentos e os demais níveis (5 a limpeza) considerados pertencentes ao período pós-contato europeu, somando 97,56% do total de vestígios cerâmicos. Pretende-se aqui expor as principais características do material cerâmico analisado fazendo uma comparação entre os níveis arqueológicos para assim sugerir ou apontar semelhanças e diferenças ao longo do tempo.

Nos níveis pré-coloniais o total de fragmentos cerâmicos segundo Vergne (2006) é de 214, sendo desses:

- 36 dados como retirados para datação;
- 19 menores que 2cm;
- 88 fragmentos analisados.

*Apesar da quantificação apontada por Vergne ser de 214 fragmentos cerâmicos, em nossa análise foram contabilizados apenas 168 fragmentos cerâmicos. Vale também ressaltar que não foram encontrados os resultados dos fragmentos retirados para datação até o momento desta pesquisa.

Já o que se refere aos níveis analisados e considerados como pós-contato europeu o número de fragmentos chega a 3255, sendo desses:

- 2.146 menores que 2 centímetros
- 1.109 analisados.

Os gráficos a baixo mostram a quantidade de fragmentos por camada arqueológica e a quantidade de categorias analisadas respectivamente.

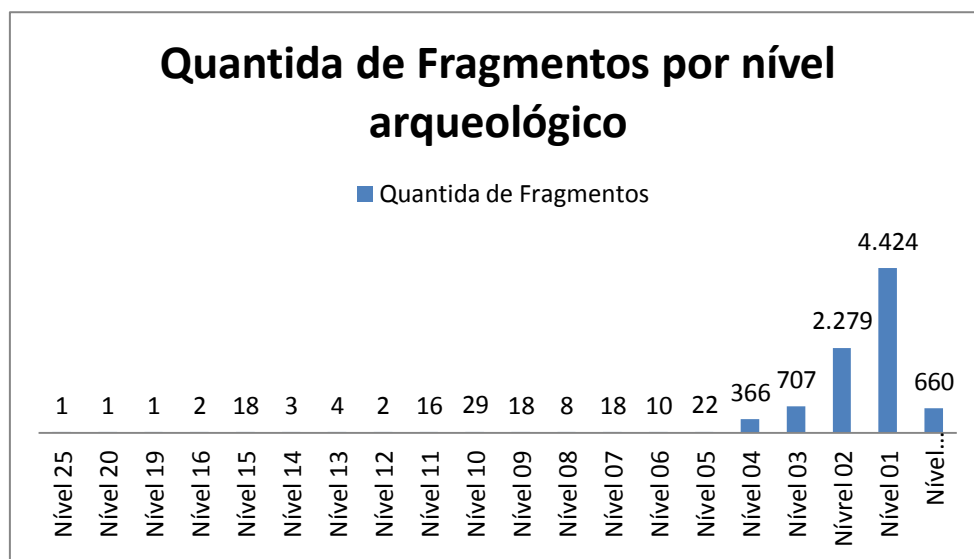


Gráfico 1. Quantidade de Fragmentos por nível arqueológico

* Níveis 24 a 21 e 17 - 18 são estéreis.

*Para fins de análises os fragmentos que apresentavam colagem foram analisados como sendo apenas um diferente da contagem onde todos foram contabilizados.

Esse gráfico nos mostra que há um “boom” de material cerâmico justamente nos níveis consideradas pós-contato europeu. Já nos pré-contato europeu a uma variação da quantidade de material e intervalos nos quais não há a presença de vestígios cerâmicos.

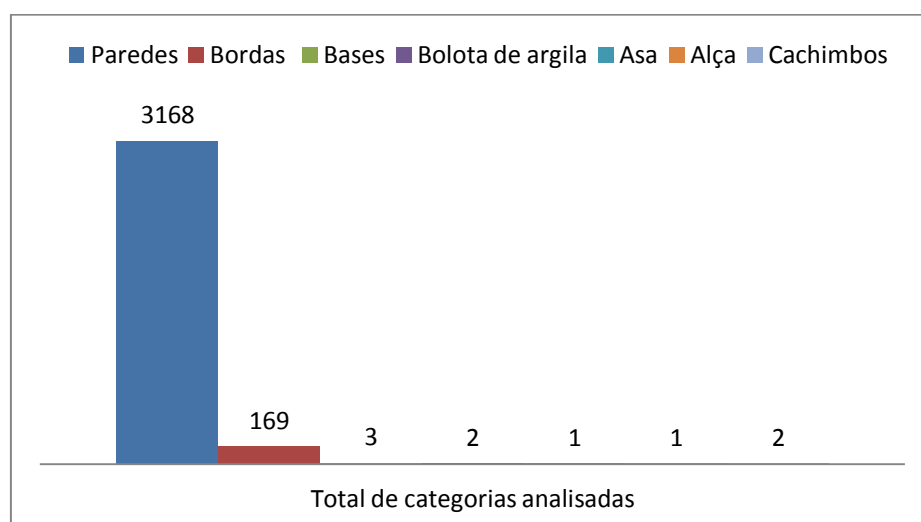


Gráfico 2. Quantidade de categorias analisadas.

Devido ao material estar bastante fragmentado fica difícil identificar fragmentos de bases dos vasilhames, devido a falta de indicadores essas podem ter sido facilmente consideradas na categoria mais ampla de paredes.

Para a comparação e por apresentarem uma baixa quantidade de material, juntaremos as camadas consideradas pré-coloniais e apresentaremos as tabelas com as comparações dos níveis de acordo com cada atributo utilizado nas análises do material. Há também a presença de dois cachimbos inteiros nos níveis 3 e 2 e ambos estão sendo analisados nas pesquisas de Alcantra 2019, porém até o momento da produção desta pesquisa os dados ainda não haviam sido disponibilizados.

2.1- Tabelas de comparação de níveis:

As principais técnicas de manufaturas encontradas ao longo dos níveis foram o acordelado e o torno. Antes da chegada dos colonizadores a presença de fragmentos com técnica de manufatura roletada é bastante identificada, a etnografia nos mostra que grande parte dos povos ceramistas brasileiros utilizavam essa técnica que basicamente é a sobreposição de roletes de argila na forma de anéis ou espiral em cima de uma base (LIMA, 1976, P.175, APUD ZANETINNI, 2005, p.257). A medida que percebemos o contato com os europeus essa técnica deixa de aparecer a partir do nível 3. Já o torno surge no nível 4 e passa a ser a principal técnica também a partir do nível 3.

Categoria:

Tabela 3. Categoria

Atributos	Níveis 25 ao 6	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
Fragmentos de paredes	84,09%	77,27%	89,87%	93,30%	90,72%
Fragmentos de bordas	14,77%	18,18%	9,49%	6,70%	8,58%
Fragmentos de bases	3,41%	4,55%	0,63%	*	*
Bolota de argila	*	*	*	*	0,34%
Fragmentos de asa	*	*	*	*	0,18%
Fragmentos de alça	*	*	*	*	0,18%

* Não possui.

Ainda olhando para os dados de técnica de manufatura a uma grande porcentagem em que não conseguimos identificar qual a técnica empregada. Acreditamos que o fato

do material cerâmico estar bastante fragmentado contribui para camuflar os indícios de qual técnica teria sido utilizada.

Manufatura:

Tabela 4 Manufatura.

Atributos	Níveis 25 ao 6	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
Acordelado	54,55%	45,45%	7,59%	*	*
Torneado	*	*	14,56%	29,33%	35,20%
Manufatura não identificada	45,45%	54,55%	77,85%	70,67%	64,80%

Se olharmos para os dados relativos aos antiplásticos, veremos que esses são ao longo de todos os níveis em sua maioria minerais, com ampla abundância de quartzo e mica, o que pode nos sugerir ser uma característica da argila da região e que estes não estão sendo adicionados pelas oleiras(os). A partir dos níveis pós-contato aparecem outros tipos de antiplásticos que podem sugerir a inserção desses na pasta visando alguma performance específica ou uma mudança de local de extração da matéria prima. Outro fato interessante é que percebemos uma redução de feldspato ao longo dos níveis podendo indicar que esse era proposicionalmente adicionado a pasta e foi ao longo do tempo deixando de ser utilizado, ou ainda, que houve variações nas fontes de matéria prima, na profundidade da coleta do depósito que podem mudar as concentrações desse mineral. A figura 10 mostra a base que utilizamos para a classificação dos ângulos dos antiplásticos.

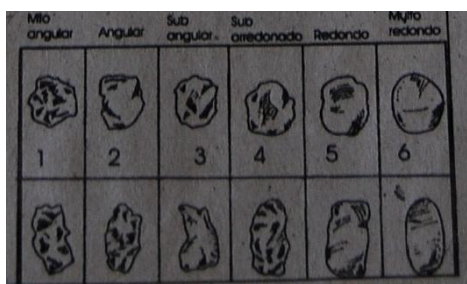


Figura 10. Angulosidade dos minerais.

1 e 2 consideramos ângulo angular, 3 e 4 ângulo médio e 5 e 6 ângulo arredondado.

Antiplásticos:

Tabela 5. Antiplásticos

Atributos	Níveis 25	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
-----------	-----------	---------	---------	---------	---------

	ao 6				
Possuem quartzo	100%	100%	100%	100%	100%
Possuem mica	100%	100%	96,83%	98,04%	100%
Possuem feldspato	92,05%	90,90%	56,33%	28,49%	1,05%
Possuem oxido de ferro	*	*	*	22,91%	16,46
Possuem Carvão	*	*	22,78%	65,64%	39,23%
Possuem Calcareao	*	*	*	*	0,53%
Antipl. >1mm	45,45%	68,18%	63,92%	79,33%	28,55%
Antipl. 1mm=< e <3mm	40,91%	31,82%	31,01%	18,72%	9,46%
Antipl. 3mm =< e < 5 mm	10,23%	*	4,43%	1,96%	0,70%
Antipl. < 5 mm	3,41%	*	0,63%	*	0,53%
5 % de antiplástico	78,41%	81,82%	67,09%	89,94%	33,98%
10% de antiplástico	19,32%	13,64%	32,28%	9,78%	5,08%
20% de antiplástico	1,14%	6,55%	0,63 %	0,28%	0,18
30% de antiplástico	1,14%	*	*	*	*

* Não possui.

Ângulo do antiplástico:

Tabela 6. Ângulo do antiplástico.

Atributos	Níveis 25 ao 6	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
Angulo médio	76,14%	77,27%	53,16%	47,21%	78,11%
Ângulo	7,95%	*	24,05%	25,42 %	19,44%

angular					
Ângulo arredondado	15,91%	27,73%	22,78%	27,37%	2,45%

*Não possui

A cor da superfície predominante ao longo de todos os níveis é marrom, seguida de amarelo/ocre para os níveis pré-contato e de cinza nos níveis pós-contato. A queima do tipo quatro é a predominante ao longo de todos os níveis e nos sugerem que essas eram feitas em fogueiras a céu aberto e não atingiam altas temperaturas dando a característica de um núcleo escuro. Nos níveis superiores percebemos o aumento da queima do tipo 1, tal aumento pode sugerir a presença de queimas feitas em fornos, no qual se tem um maior controle da temperatura e uma menor circulação de oxigênio deixando o núcleo da pasta cerâmica com uma coloração clara.

Cor da superfície e tipo de queima:

Tabela 7. Cor da superfície e tipo de queima.

Atributos	Níveis 25 ao 6	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
Branco	*	*	0,63%	*	0,35%
Amarelo/ocre	15,91%	22,73%	*	1,96%	0,35%
Laranja	1,14%	*	6,33%	0,56%	*
Vermelho	3,41%	*	2,53%	1,68%	1,93%
Cinza	4,55%	18,18%	24,05%	22,63%	18,21%
Preto	5,68%	4,55%	3,78%	1,40%	1,93%
Marrom	69,32%	54,55%	63,92%	71,79%	77,23%
Queima tipo 1	*	*	3,16%	12,01%	33,27%
Queima tipo 2	*	*	6,33%	1,68%	*
Queima tipo 4	71,59%	86,36%	70,89%	50,84%	46,23%
Queima tipo 5	*	4,55%	11,39%	18,44%	13,84%
Queima tipo 6	7,95%	*	3,16%	5,87%	3,50%
Queima tipo 7	17,05%	9,09%	5,06%	11,17%	3,15%

* Não possui

Os tipos de queima são descritos a seguir:

- 1: Queima completa com núcleo Claro.
- 2: Queima com núcleo fino escuro e duas faixas claras espessas em ambas as faces.

3: Queima com núcleo claro e duas faixas escuras em ambas as faces.

4: Queima incompleta: núcleo escuro.

5: Queima com núcleo escuro e duas faixas finas claras em ambas as faces.

6: Queima com faixa escura na FE e faixa clara na FI.

7: Queima com faixa escura na FI e faixa clara na FE.

Durante as análises a classificação dos tipos de alisamentos aconteceu de forma subjetiva. O contado da superfície cerâmica com a mão indicava uma superfície lisa ou áspera e a partir dessas texturas classificadas em finas, medias ou grossas. Tais termos também são utilizados por Schuster 2018 e Dantas 2018.

Alisamentos e tratamentos de superfície:

Tabela 8. Alisamentos e tratamentos de superfície

Atributos	Níveis 25 ao 6		Nível 5		Nível 4		Nível 3		Nível 2	
Alisamento Fino FI / FE	17,0 5%	15,9 1%	22,7 3%	9,09 %	5,06 %	5,70 %	7,82 %	11,7 3%	5,78 %	3,15 %
Alisamento Médio FI/FE	45,4 5%	29,5 5%	54,5 5%	63,6 4%	79,1 1%	36,7 1%	76,2 6%	27,9 3%	77,7 6%	34,6 8%
Alisamento Grosso FI/FE	20,4 5%	20,4 5%	13,6 4%	4,55 %	1,90 %	3,80 %	7,82 %	6,15 %	8,76 %	4,20 %
Alisamento Polido FI/FE	3,41 %	9,09 %	9,09 %	13,6 4%	8,23 %	25,3 2%	2,79 %	13,4 1%	5,25 %	26,2 7%
Alisamento não identificado	13,6 4%	22,0 0%	*	9,09 %	5,70 %	28,4 8%	5,31 %	40,7 8%	2,45 %	31,7 0%
Engobo vermelho FI/FE	*	4,55 %	*	4,55 %	2,53 %	17,7 2%	0,84 %	16,4 8%	1,05 %	17,8 6%
Engobo	*	*	*	*	0,63	0,63	*	*	*	0,18

Branco					%	%				%
Engobo	1,14	5,68	4,55	22,7	5,70	9,49	4,19	7,26	3,68	7,88
Marrom	%	%	%	2%	%	%	%	%	%	%
FI/FE										
Esfumado	2,27	1,14	*	9,09	1,90	6,33	0,56	12,8	2,10	10,6
FI/FE	%	%		%	%	%	%	4%	%	1%
Engobo amarelo	*	*	9,09	*	*	*	*	*	*	*
FI/FE			%							

* Não possui.

A coleção analisada apresenta alguns sinais de uso interessantes. Um deles é o furo intencional próximo a borda do vasilhame. Esse poderia ter uma função de facilitar o transporte do vasilhame a longas e medias distancias. Outras marcas são as de fuligem que indicam o contato do vasilhame com o fogo, seja na queima do vasilhame ou no uso desses para cozinhar alimentos.



Figura 11. Cerâmica com a presença de furo do nível 7.

Estado de conservação, marcas e sinais de uso:

Tabela 9. Estado de conservação, marcas e sinais de uso.

Atributos	Níveis 25 ao 6	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
Não erodido	17,05%	50,00%	53,16%	25,14%	15,08%
Erodido FE	32,95%	36,36%	31,01%	41,06%	55,03%
Erodido FI	13,64%	13,64%	3,80%	7,54%	1,40%

Erodido AF	18,18%	*	12,03%	26,26%	87,99%
Furo	1,14%	*	*	*	*
Alisamento/Polimento	15,91%	18,18%	31,01%	19,83%	46,65%
Marcas de torno	*	*	8,86%	21,79	54,19%
Fuligem FI	10,23%	4,55%	1,89%	4,75%	10,61%
Fuligem FE	14,77%	*	3,80%	3,63%	18,16%

* Não Possui.

Nas questões relativas às bordas poderemos ter um panorama mais abrangente nos dados das reconstituições. Percebemos que nos níveis mais profundos essas são em sua maioria diretas e introvertidas, já nos níveis mais recentes essas são extrovertidas e apresentam reforço interno.

Morfologia, inclinação e espessura da borda:

Tabela 10. Morfologia, inclinação e espessura da borda.

Atributos	Níveis 25 ao 6	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
Borda direta	71,43%	100%	53,33%	33,33%	38,78%
Borda extrovertida	7,14%	*	40,00%	50,00%	59,18%
Borda introvertida	21,43%	*	6,67%	16,67%	2,04%
Vertical	46,15%	25,00%	33,33%	8,33%	22,45%
Inclinada interna	53,85%	75,00%	26,67%	29,17%	14,29%
Inclinada externa	*	*	40,00%	62,00%	63,26%
Espessura normal	84,62%	25,00%	86,67%	79,17%	75,51%
Espessura contraída	15,38%	50,00%	*	*	*
Reforço externo	*	25,00%	*	*	*
Reforço interno	*	*	13,33%	20,83%	24,49%

* Não possui.

Diâmetro da Borda:

Tabela 11. Diâmetro da Borda.

Atributos	Níveis 25 ao 6	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
6 cm	*	*	6,67%	*	*
7 cm	7,69%	*	*	*	*
8 cm	7,69%	25,00%	*	*	6,12%
9 cm	*	*	*	*	4,08%
10 cm	7,69%	*	6,67%	*	*
11 cm	7,69%	*	13,33%	12,50%	10,20%
12 cm	*	25,00%	6,67%	4,17%	2,04%
13 cm	7,69%	*	*	4,17%	2,04%
14 cm	*	*	6,67%	4,17%	6,12%
15 cm	*	*	*	8,33%	2,04%
16 cm	7,69%	*	6,67%	12,50%	4,08%
17 cm	*	*	*	*	8,16%
18 cm	*	25,00%	*	8,33%	2,04%
19 cm	7,69%	*	6,67%	8,33%	10,20%
20 cm	7,69%	*	26,67%	8,33%	8,16%
22 cm	*	*	6,67%	12,50%	14,29%
24 cm	7,69%	*	6,67%	4,17%	8,16%
26 cm	*	*	*	4,17%	2,04%
28 cm	7,69%	*	*	*	8,16%
30 cm	*	25,00%	*	4,17%	2,04%
32 cm	15,38%	*	*	*	*
34 cm	*	*	*	*	*
36 cm	*	*	6,67%	4,17%	*
44 cm	7,69%	*	*	*	*

* Não possui.

Lábio e Espessura do lábio:

Tabela 12. Lábio e Espessura do lábio

Atributos	Níveis 25 ao 6	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
Lábio arredondado	76,92%	100%	66,67%	62,50%	42,86%
Lábio plano	7,69%	*	33,33%	37,50%	57,14%

Lábio apontado	15,38%	*	*	*	*
Espessura 0,1 mm	84,62%	*	*	*	*
Espessura 0,2 mm	*	*	26,67%	12,50%	2,04%
Espessura 0,3 mm	*	25,00%	26,67%	45,83%	32,65%
Espessura 0,4 mm	*	50,00%	20,00%	*	36,73%
Espessura 0,5 mm	*	*	6,67%	25,00%	12,24%
Espessura 0,6 mm	*	25,00%	13,33%	8,33%	12,24%
Espessura 0,7 mm	53,84%	*	*	8,33%	2,04%
Espessura 0,8 mm	*	*	6,67%	*	2,04%

* Não possui.

Conforme os dados das espessuras dos fragmentos podemos obter um intervalo de 0,2mm a 1,1mm para a maioria das amostras cerâmicas do sítio, o que nos indica uma predominância de vasilhames de paredes finas.

Espessura dos fragmentos:

Tabela 13. Lábio e Espessura do lábio.

Atributos	Níveis 25 ao 6	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
Espessura 0,2 mm	1,64%	*	*	*	*
Espessura 0,3 mm	*	*	*	2,79%	0,53%
Espessura 0,4 mm	4,55%	9,09%	11,39%	13,97%	11,21%
Espessura 0,5 mm	11,36%	22,72%	26,58%	33,24%	37,13%
Espessura 0,6 mm	26,14%	18,18%	34,18%	31,84%	31,35%

Espessura 0,7 mm	23,86%	31,82%	15,19%	11,17%	12,26%
Espessura 0,8 mm	13,64%	9,09%	6,96%	4,75%	4,55%
Espessura 0,9 mm	11,36%	4,55%	*	1,40%	2,28%
Espessura 1,0 mm	2,27%	*	3,80%	0,84%	0,35%
Espessura 1,1 mm	3,41%	4,55%	1,27%	*	0,35%
Espessura 1,2 mm	1,14%	*	*	*	*
Espessura 1,8 mm	*	*	0,63%	*	*
Espessura 1,9 mm	1,14%	*	*	*	*

* Não Possui.

Quanto às decorações, percebemos que algumas dessas presentes nos níveis pré-coloniais aumentam nos níveis pós-contato. É o caso das escovadas, porém Zanettine (2005) nos alerta que essas devem ser tomadas com cautela por frequentemente serem aplicadas em toda superfície dos vasilhames, aumentando a frequência arqueológica. O local que mais aparece decorações são as paredes de face externa, o bojo superior e os lábios dos vasilhames cerâmicos.



Figura 12. Cerâmica com decoração pintada do nível 3. Foto: Ivan Paiva

Decoração plástica, pintada e local da decoração:

Tabela 14. Decoração plástica, pintada e local da decoração.

Atributos	Níveis 25 ao 6	Nível 5	Nível 4	Nível 3	Nível 2
Inciso fino	1,14%	4,55%	0,63%	*	0,35%
Inciso largo	1,14%	*	*	*	0,17%
Escovado	6,82%	18,18%	25,95%	29,61%	26,09%
Entalhado	1,14%	*	1,27%	1,68%	3,85%
Escovado/Inciso	7,95%	*	*	*	*
Pintura Branca	2,27%	4,55%	12,03%	10,89%	11,21%
Pintura Vermelha	*	*	0,63%	*	0,53%
Decorada na parede FI	*	16,67%	3,17%	2,65%	1,23%
Decorada na parede FE	83,33%	66,67%	95,24%	96,02%	88,03%
Decorada no bojo superior FE	16,67%	16,67%	3,17%	*	1,65%
Decorada no Lábio	*	*	1,59%	3,97%	9,09%

* Não Possui.

Ao longo dos níveis analisados percebemos que há um aumento significativo de artefatos cerâmicos a partir do nível quatro. Esse aumento traz consigo um elemento novo que não aparecia nos níveis anteriores e que nos chama atenção, trata-se do uso do torno como técnica de manufatura. A presença de fragmentos que possuem marcas de torno juntamente com algumas características presentes nas cerâmicas indígenas nos indica estarmos diante de um sítio arqueológico do período do contato. A grande questão é: Quais são essas características indígenas? O tipo de decoração plástica inciso, escovado e entalhado, o tratamento de superfície esfumado e queimas incompletas são os principais diagnósticos da influencia indígena nos fragmentos cerâmicos pós-contato com o europeu.

Durante os níveis considerados pré-coloniais há uma baixa quantidade de vestígios cerâmicos ao longo dos níveis (veremos no próximo capítulo que isso pode ser explicado pelo sítio arqueológico Barracão ser uma área periférica/adjacente de outro sítio arqueológico chamado Cipó), o fato é que apesar da baixa quantidade de material, percebemos que algumas características presentes nesses níveis não só se

mantém como aumentam nos mais recentes nos dando a impressão de uma continuidade temporal e uma falsa impressão de contato inicial harmônico com os colonizadores. Morales (2001, p.169) relata que ainda no século XVII na cidade de São Paulo haviam indígenas escravizados e juntamente com os africanos deixavam marcas de suas culturas nos vasilhames cerâmicos. Esse é apenas um relato e juntamente com toda a história de massacre indígena que perdura no nosso país nos mostra como essas relações colonizador e indígena não foram nenhum um pouco pacíficas.

2.2- Reconstituição dos vasilhames

Devido a grande fragmentação dos objetos cerâmicos as reconstituições dos vasilhames foram bastante afetadas, tornando-as meramente hipotéticas. A princípio todas as bordas maiores que dois centímetros seriam reconstituídas (107 bordas), porém foi necessário triar e somente as que conseguimos averiguar uma inclinação e um ângulo satisfatórios foram reconstituídas totalizando 47 reconstituições (43,93%). Tal triagem foi necessária, pois alguns fragmentos maiores que dois centímetros não nos fornecia um ângulo ou inclinação capaz de nortear a reconstituição. Para tal utilizamos a metodologia descrita por Almeida (2013) na qual a divisão das formas segue critérios geométricos com base na quantidade de ângulos na parede dos vasos. Segundo esse mesmo autor dessa divisão surgem cinco categorias iniciais:

1. Vasilhas Simples (sem ângulo na parede), subdividida em outras três categorias, estabelecidas com relação ao diâmetro da boca e a altura do vaso.
 - Esférica: altura possui medida superior que $\frac{2}{3}$ do diâmetro da boca.
 - Semiesférica: altura menor ou igual a $\frac{2}{3}$ do diâmetro da boca.
 - Calota: altura igual ou menor que $\frac{1}{3}$ do diâmetro da boca.
2. Compostas (com um ângulo na parede);
3. Complexas (dois ou mais ângulos na parede ou ângulo e inflexão);
4. Com boca angular (comum entre vasilhas Tupinambá);
5. Rasas Pratos (plana ou semi-planas com altura praticamente ausente em relação a boca e a base.

Outra classificação que Almeida (2013) nos fornece para a separação das formas é o ângulo de direção da boca dos vasilhames cerâmicos:

1. Boca aberta: Raio da boca é o maior verificado em todo o vasilhame;

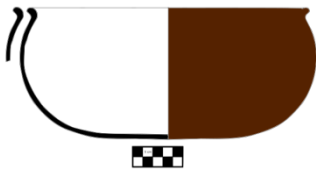


2. Boca constrita: Raio da boca é menor que pelo menos um raio interior do vasilhame;
3. Boca angular: Assador.

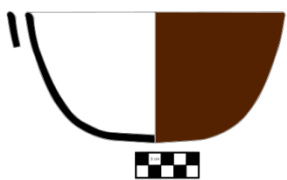

Com base nisso obtivemos cinco formas diferentes para as reconstituições dos vasilhames do sítio Barracão. Tais formas foram vetorizadas com ajuda de um software chamado inkscape.

- Forma 1 – Vasilhas semi-esféricas com contorno simples e boca constrita (3 reconstituições - 6,38%);
- Forma 2 – Vasilhas em forma de calota com contorno simples e boca aberta (3 reconstituições - 6,38%);
- Forma 3 – Vasilhas esféricas com contorno simples e boca aberta (5 reconstituições - 10,64%)
- Forma 4 – Vasilhas semi-esféricas com contorno simples e boca aberta (18 reconstituições - 38,30%);
- Forma 5- Vasilhas esféricas com contorno simples e boca constrita (18 reconstituições - 38,30%).

A tabela 15 mostra a capacidade volumétrica das formas reconstituídas, utilizamos a formula descrita por Almeida (2013) para calcular o volume dos vasilhames (ver anexos).

Tabela 15. Capacidade volumétrica das formas reconstituídas.

<p>Forma 1 - de 949 ml a 5,217 ml.</p> 	<p>Forma 2 – de 1,575 ml a 9,719 ml.</p> 	<p>Forma 3 – de 638 ml a 13,671 ml.</p> 
--	--	---

<p>Forma 4 – de 368 ml a 13,502 ml.</p> 	<p>Forma 5 - de 0,455 ml a 9,030 ml.</p> 	
---	--	--

A tabela seguinte mostra a distribuição das formas pelos níveis arqueológicos.

Tabela 16. Distribuição das formas por nível arqueológico.

Formas	Níveis
Forma 1	Nível 3
Forma 2	Níveis 9, 7 e 3
Forma 3	Níveis 5, 3 e 2
Forma 4	Níveis 16, 15, 12, 10, 6, 5, 4, 3 e 2
Forma 5	Níveis 5, 3 e 2

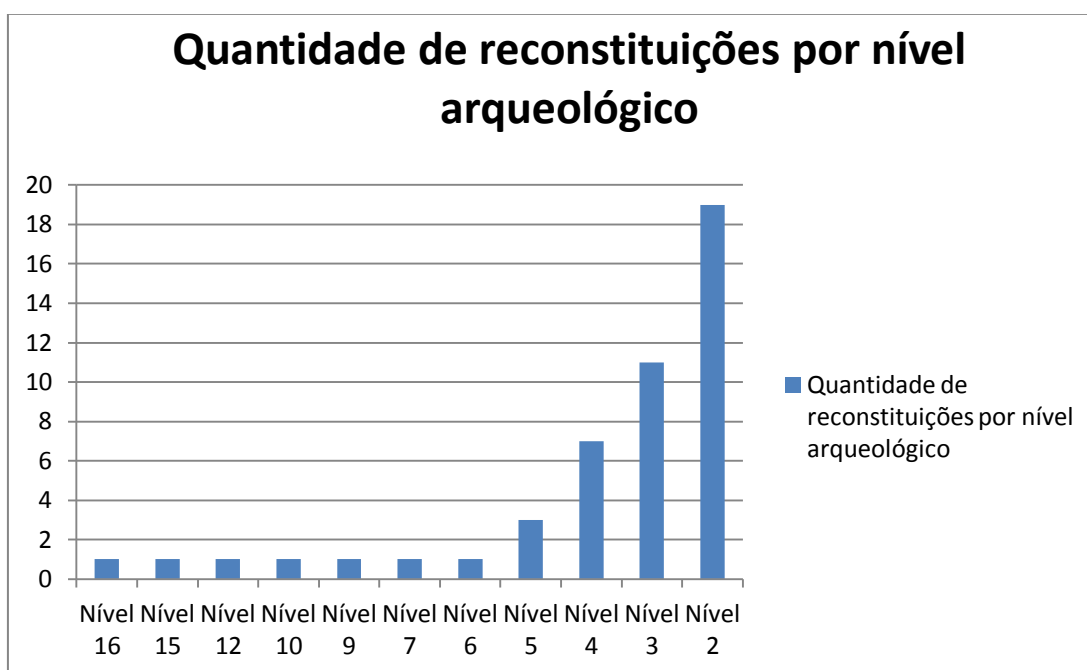


Gráfico 3. Quantidade de reconstituições por nível arqueológico.

A tabela 16 nos mostra que o único nível que possui todas as formas é o nível 3. Percebemos que nos níveis pré-coloniais somente há presença das formas 2 e 4 e

ambas não deixam de existir nos níveis pós contato com os europeus. As formas 1, 3 e 5 surgem a partir do contato com os colonizadores.

A partir dos dados de reconstituições dos vasilhames cerâmicos pudemos perceber cinco momentos distintos para a confecção das formas dos vasilhames cerâmicos do sítio Barracão. Inicialmente temos um primeiro momento representado pela forma 4 nos níveis 16, 15, 12 e 10. Trata-se de vasilhames que não ultrapassam a capacidade volumétrica de 2,577 ml e apresentam uma espessura de 0,6 e 0,4 centímetros.

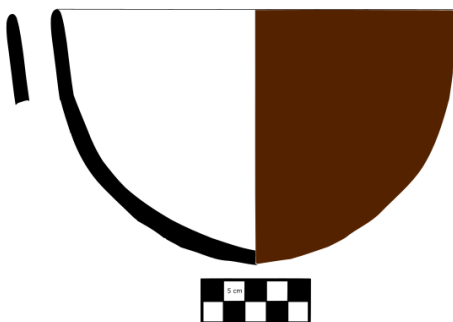


Figura 13 Reconstituição de borda do nível 16.

O segundo momento é representado pela forma dois nos níveis 9 e 7. Os vasilhames apresentam capacidade volumétrica aproximada entre 4 e 10 litros e espessura 0,9 e 1,1 centímetros.

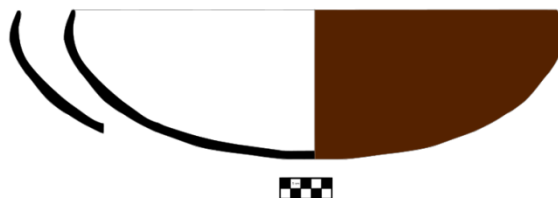


Figura 14. Reconstituição de borda do nível 7.

O terceiro momento é característico pelo retorno da forma quatro inicialmente no nível 6 e seguindo até o nível 2. A capacidade volumétrica varia entre 700 ml a 13 litros aproximadamente e a espessura dos vasilhames entre 0,4 e 1,0 centímetro.

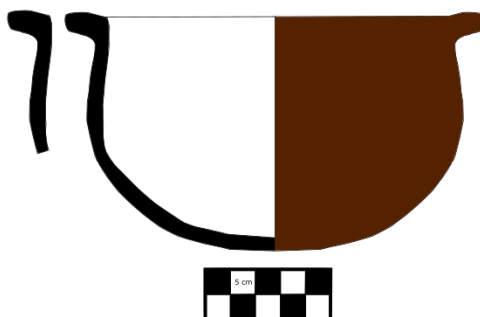


Figura 15. Reconstituição de borda do nível 6.

O quarto momento coexiste com o terceiro a partir do nível 5, não parece no nível 4 e volta a aparecer nos níveis 3 e 2. Esse é representado pelas formas 3 e 5 com

capacidade volumétrica entre 700 ml e 13 litros e espessura entre 0,4 e 0,9 centímetros.

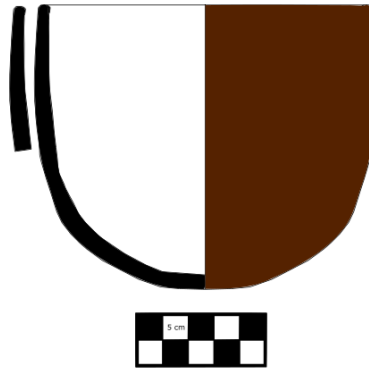


Figura 16. Reconstituição de borda do nível 5.

O quinto e ultimo momento é representado pelas formas 1 e o retorno da forma 2 ambas aparecendo somente no nível 3. A capacidade volumétrica nesse ultimo momento varia entre 900 ml a 5 litros e a espessura entre 0,4 e 0,6 centímetros.

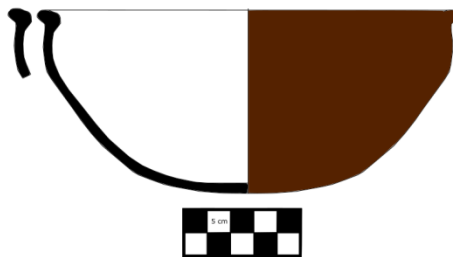


Figura 17. Reconstituição de borda do nível 3

Diante desses dados poderíamos inferir que à medida que a capacidade volumétrica aumenta a espessura dos vasilhames tende a aumentar também, porém devido a nossa baixa amostragem de reconstituições essa inferência fica comprometida e precisaria de novos dados para corroborá-la.

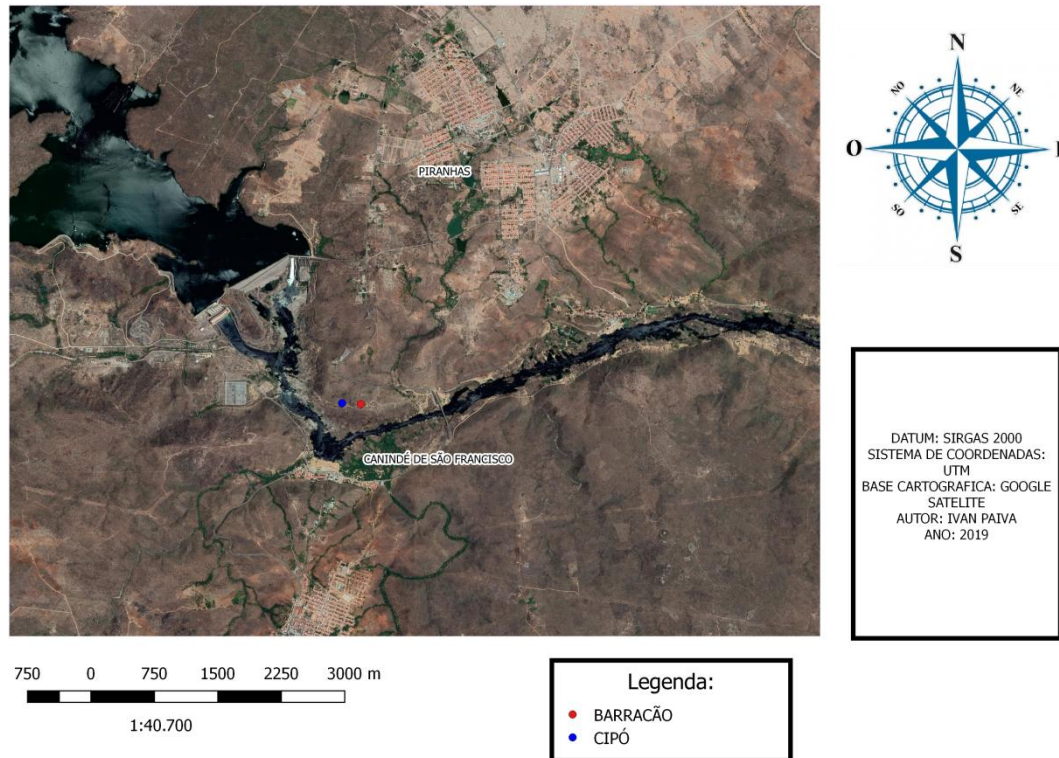
.

Capítulo 3 – Comparações e discussões

Este capítulo será dividido em duas partes, em um primeiro momento falaremos da cerâmica de dois sítios arqueológicos: Barracão e Cipó. Acreditamos que estes dois contextos formam apenas um grande e único sítio arqueológico e apresentaremos os dados que apontam para esta interpretação. No segundo momento iremos comparar todos os dados do sítio Barracão com outros sítios arqueológicos da região do baixo São Francisco e com a cerâmica etnográfica da cidade de Barra (BA) que já mencionamos sobre anteriormente.

3.1 Barracão e Cipó: o mesmo sítio arqueológico?

A cerâmica arqueológica do sítio arqueológico denominado Cipó foi estudada por Adriana Schuster (2018). Em um primeiro momento o que impressiona é a pequena distância entre ambos os sítios, aproximadamente 230 m os separam como pode ver-se no mapa a seguir.



Mapa 3. Localização dos sítios Barracão e Cipó.

Apesar de não haver datações absolutas para o material arqueológico de ambos os sítios, Schuster (2018) acredita em uma continuidade temporal na ocupação humana do sítio Cipó (SCHUSTER 2018, p. 104). Essa continuidade pode ser estendida para o sítio Barracão, no qual podemos inferir uma datação relativa a partir de fragmentos de louças encontrados na camada 4. Tais fragmentos possuem uma decoração pintada a mão muito característica do século XVII (como mostra a imagem 12). Vergne (2006, p.32) relata que foram encontradas algumas moedas que ela acredita serem do início do Século XVIII, porém não as encontramos em nossas análises.



Figura 18 Louça com decoração pintada a mão.

As análises realizadas por Schuster (2018) revelam uma semelhança entre diversos atributos encontrados na cerâmica do sítio cipó com a cerâmica analisada do sítio Barracão. Antiplásticos semelhantes compostos basicamente por minerais (quartzo e mica), cor dos fragmentos marrom como mais abundante e decorações incisas, escovadas e entalhadas, essas ultimas presentes nos lábios das bordas. Essa autora também relata que a partir nível 6 aparecem marcas de torno e decorações do tipo pintada em branco sobre engobo vermelho (bastante comuns nos níveis pós contato do sítio Barracão) . Apesar de nossa hipótese de ambos os sítios como sendo apenas um único, manteremos a divisão em Barracão e Cipó por acreditarmos que estes termos explicitem dois momentos distintos da ocupação do todo. Um primeiro momento caracterizado pela presença de povos pré-coloniais estaria representado pelo sítio Cipó e um segundo momento seria caracterizado pela mescla de culturas pré e pós-contato europeu representadas na cerâmica do Barracão.

As imagens seguintes ilustram melhor a semelhança do material arqueológico.



Figura 19. Semelhança das bordas. Imagem superior: bordas do sítio Barracão, imagens a, b e c bordas do sítio cipó.

Outro atributo que aparece em ambos os sítios é a presença do tratamento de superfície esfumado ou uma cerâmica enegrecida como chama Schuster (2018). Zanettini (2005) relata que essa característica está relacionada a aplicação de banhos de fumaça para o enegrecimento da superfície (ZANETTINI, 2005 P. 264).

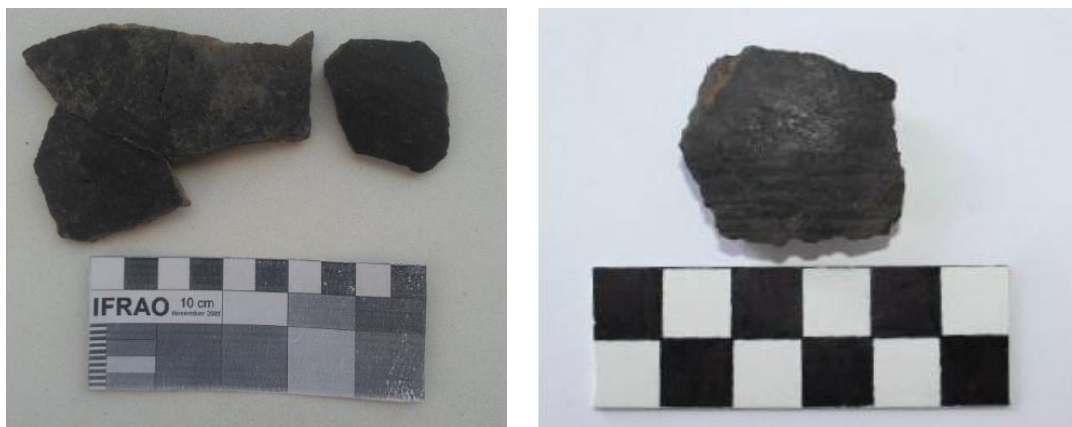


Figura 20. Cerâmicas com tratamentos de superfície esfumado. A esquerda fragmentos do sítio Barracão e a direita fragmento do sítio Cipó.

Essa característica não é restrita a esses sítios (veremos no tópico seguinte que há outros sítios que também a possuem).

Comparando as formas que reconstituímos com as reconstituídas por Schuster é possível observar que há uma maior variedade de formas para o sítio Cipó e apenas

uma forma é recorrente em ambos os momentos da ocupação (Formas 1 já apresentada anteriormente). O fato do material arqueológico de ambos os sítios estarem bastante fragmentados torna a precisão de associações questionáveis, porém tendemos a concordar com Schuster (2018) quando essa faz uma associação, não só das formas reconstituídas, como também da morfologia e decoração das bordas á cerâmica produzidas pelos Xokó. Percebemos que essas semelhanças podem ser também verificadas nas cerâmicas do sítio Barracão como mostras as imagens 21 e 22.



Figura 21. Ao centro imagem da vasilha Xokó encontrada no fundo do rio São Francisco próximo a ilhas de São Pedro em Porto da Folha. A esquerda provável reconstituição de fragmento do sítio Barracão e a Direita reconstituição hipotética realizada por Schuster para o sítio Cipó. Fonte: Schuster 2018 adaptado.



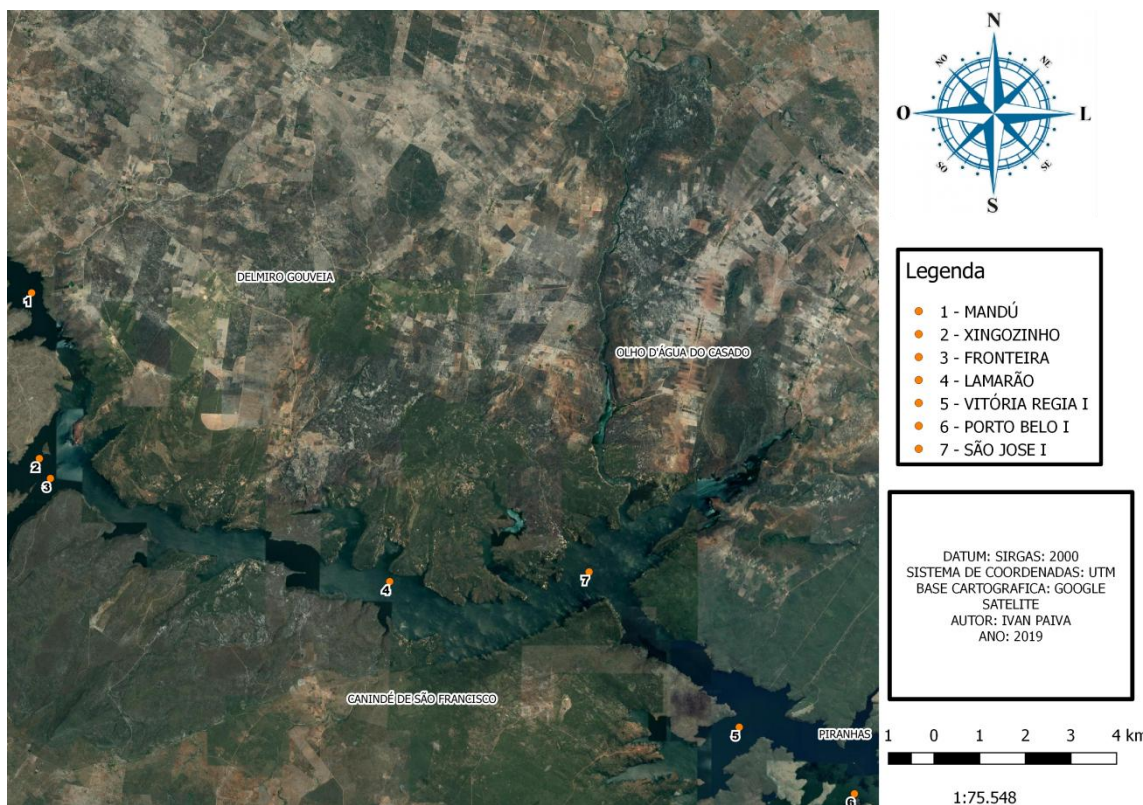
Figura 22. Semelhança entre as decorações e morfologia das bordas do sítio Barracão em cima, Xokó e do sítio cipó a esquerda e direita respectivamente. Fonte Schuster 2018 adaptado.

Ainda comparando os dados referentes à morfologia das bordas, percebemos que esses se assemelham com os produzido por Schuster (2018). Essa autora nos mostra que a predominância das bordas da coleção do sítio cipó possui morfologias de formas diretas (75%) (Schuster 2018) e os níveis pré-contato do Barracão também apresentam essa característica como predominante (71%). Cabe ressaltar que povos distintos podem confeccionar artefatos cerâmicos parecidos e a associação feita aqui é meramente hipotética e precisaria ser corroborada com outros dados.

A área de localização dos sítios encontra-se praticamente no fim da parte de corredeiras do rio São Francisco. Podemos pensar que esses eram lugares persistentes como propõem Almeida e Katér (ALMEIDA E KATÉR 2017, p.4). Para esses autores cachoeiras são marcos paisagísticos atrativos para diferentes povos que os procurariam para visitar, praticar seus rituais e/ou residir, além de serem marcos físicos e estratégicos para quem sobe ou desce o rio, servindo como ponto de parada para comércios e/ou trocas (MAUSS 2012, APUD ALMEIDA E KATÉR 2017, p.4). Deste modo, faz todo sentido pensar em uma continuidade temporal para a ocupação desses sítios.

3.2 Comparações inter sítios

Pretende-se neste tópico fazer uma comparação da cerâmica do sítio arqueológico Barracão com demais sítios da região de Xingó. Damos preferência aos que apresentam vestígios cerâmicos pós-contato com os europeus por se tratar da maior amostra que foi analisada na presente pesquisa. O mapa seguinte mostra a distribuição dos sítios para os quais há relatos de cerâmicas confeccionadas a partir do contato com os colonizadores. Além desses sítios também falaremos um pouco da relação com a cerâmica produzida na cidade de Barra (BA)



Mapa 4. Sítios cerâmicos com os quais foram comparados os vestígios cerâmicos do sítio Barracão.

Luna (2001) relata em sua tese de doutorado a presença de quatro sítios arqueológicos cerâmicos, nos quais o material arqueológico não foi analisado devido estes serem classificados como cerâmica recente (LUNA, 2001, p.104). Tal autora não define quais as características ou atributos que a levaram a essa conclusão. Partindo do pressuposto que recente estaria associado ao período pós-colonial, acreditamos que uma comparação entre tais sítios e a cerâmica do Barracão poderia nos dar um panorama das escolhas de características que estão sendo feitas pelas oleiras (os) e o que possivelmente esta sendo difundido ao longo do rio. Os sítios descritos por Luna (2001) foram:

1. Sítio Mandú – 66 fragmentos;
2. Sítio Xingozinho – 45 fragmentos;
3. Sítio Fronteira – 10 fragmentos;
4. Sítio Lamarão – 52 fragmentos.

Os demais sítios expostos no mapa acima foram selecionados a partir de relatos de trabalhos que foram e estão sendo realizados (FAGUNDES, 2010; NUNES, 2019, DANTAS, 2018; LUNA e NASCIMENTO, 2000).

Visitamos o Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), local onde encontram-se armazenado os vestígios cerâmicos de tais sítios descritos por Luna (2001).

A tabela a seguir mostra as respectivas distancias entre o sítio arqueológico Barracão e os demais os quais comparamos os vestígios cerâmicos.

Tabela 17. distância entre os sítios.

Sítios arqueológicos	Distância aproximada em relação ao Barracão
Mandú	31 km
Xingozinho	29 km
Fronteira	28 km
Lamarão	20 km
Vitória Régia I	12 km
Porto Belo I	9 km
São José I	17 km

Acreditamos que os quatro sítios mencionados por Luna (2001) e mencionados acima, não foram escavados, sendo apenas coletados vestígios de superfície nos quais pudemos constatar as seguintes características:

Mandú - O total de vestígios cerâmicos difere do mencionado por Luna (2001), sendo que atualmente contabilizamos 34 fragmentos. Esses apresentam marcas de torno e borda com morfologia extrovertida, além de tratamento de superfície externa esfumado.

Xingozinho - Segundo informações do responsável pela reserva técnica esse sítio não existe.

Fronteira - Foram contabilizados 10 fragmentos cerâmicos com marcas de torno e tratamento de superfície externa esfumado.

Lamarão – Foram contabilizados 122 fragmentos cerâmicos os quais apresentavam marcas de torno, tratamento de superfície externa esfumado e um fragmento com engobo vermelho e pintura branca, porém erodido e pequeno demais para inferências sobre motivo da decoração. A imagem seguinte é uma tentativa de ilustrar essa decoração reforçada pela seta.



Figura 23. Cerâmica com decoração pintada do sítio Lamarão. Foto: Ivan Paiva 2019

Como esses sítios não foram escavados não foi possível inferir informações se estamos diante de locais que serviram de moradia ou de acampamentos temporários. Porém pudemos perceber que o torno e o esfumado que apresentam certa continuidade ao longo do tempo e foram utilizadas ao longo do rio São Francisco.

Cabe ressaltar que o material não foi analisado, apenas averiguamos as semelhanças que esse apresentava com os fragmentos cerâmicos do sítio Barracão. A princípio demos maior importância a alguns atributos que consideramos pós-contato com europeus e analisados no presente trabalho e verificamos a incidência, ou não desses.

Os atributos selecionados foram:

1. Técnica de manufatura;
2. Tratamentos de superfície externa e interna;
3. Decorações;
4. Morfologia das bordas;
5. Motivo das decorações (quando possível inferir);
6. Demais atributos (quando nos chamava atenção).

O sítio Vitória Régia I é estudado por alguns autores (FAGUNDES 2010, DANTAS 2018, LEÃO 2019), e possui uma datação de 2240 ± 389 anos A. P. realizada a partir de um fragmento cerâmico localizado a 90 cm de profundidade e pelo método de termoluminescência (SANTOS; MUNITA, 2007). Dantas (2018), ao analisar os vestígios cerâmicos relata a presença de dois fragmentos esmaltados semelhante aos do sítio Barracão.



Figura 24. Cerâmica esmaltada do sítio vitória Régia I. Fonte: Dantas 2018.

O sítio Porto Belo I possui uma datação de 342 ± 51 (SANTOS; MUNITA, 2007) feita a partir de fragmentos cerâmicos. Essa nos remete a um período do século XVII, porém Nunes (2019) que atualmente esta analisando o material do referido sítio relata que não encontrou fragmentos do período do contato com os europeus no acervo do sítio (NUNES COMUM. PESSOAL).

Já para o sítio São José I temos os dados relatados por Vergne (2000). Esse sítio foi escavado pela autora e nos mostra que a técnica de manufatura do torneado aparece somente nos dois primeiros níveis da escavação (VERGNE 2000, p 98), quando há presença de decorações pintadas em branco e vermelho e de alguns vasilhames nos quais há pintura vermelha sobre engobo branco.

Quanto aos atributos pré-coloniais que aparecem no sítio Barracão, esses apresentam semelhanças com aqueles encontrados na região de Xingó. Tendemos a concordar com Schuster (2018) no qual o material do sítio cipó (e também o do Barracão que acreditamos ser o mesmo sítio) possui características similares a diversos sítio já estudados da região, dos quais podemos citar São José I e II (LUNA e NASCIMENTO 2000; VERGNE 2000), Justino (DANTAS E LIMA 2006; LUNA 2001), Vitória Régia I (DANTAS 2018; FAGUNDES 2010) entre outros.

3.3- Semelhanças com a cerâmica produzida em Barra (BA)

Se a hipótese da cerâmica de Barra ter sido transportada para a capital via rio São Francisco estiver correta, e se considerarmos a área de ocupação do sítio Barracão como estratégica por estar em uma região geográfica ao fim das corredeiras, então podemos reforçarmos a possibilidade de contato entre as duas. Dois elementos presentes na cerâmica de Barra também aparecem nos fragmentos dos cacos cerâmicos do Barracão. Trata-se do tratamento de superfície engobo vermelho e pintura branca sobre este. Devido a grande fragmentação do material analisado não foi possível fazer uma comparação dos motivos das pinturas para averiguarmos

semelhanças e diferenças entre essas. Carla (2008) vai nos mostrar que o engobo e a pintura da cerâmica de Barra são feitos com corantes naturais possivelmente utilizados também pelos povos que ali viviam, o tauá mineral responsável por deixar a superfície vermelha e a tabatinga também conhecida como caulim responsável pela pintura branca, ambos retirados das barrancas do rio São Francisco (COSTA 2008, págs. 66 e 86). Outro fato relevante mostrado pela autora é a tentativa de se absolver no, século XX, o torno como técnica de manufatura, porém este foi abandonado pelo fato das ceramistas não terem se adaptado ao mesmo (COSTA 2008, p. 54). As imagens ilustram a cerâmica de Barra.

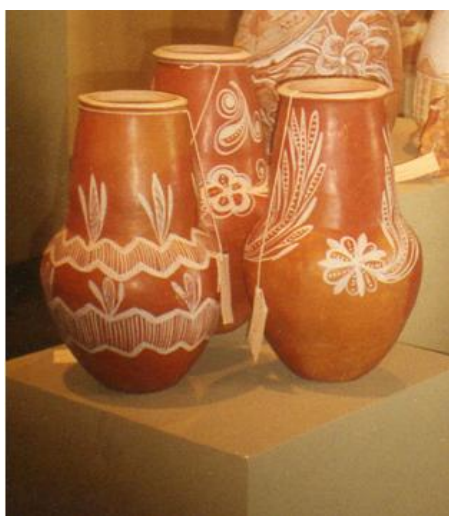


Figura 25. Cerâmica do município de Barra. Fonte: Costa 2008.



Figura 26. Cerâmica do município de Barra. Fonte: Costa 2008.

Apesar dos atributos semelhantes encontrados no sítio Barracão, não há indícios suficientes para relacionarmos essas características, e pelas comparações que realizamos com outros sítios, não nos parece que tais atributos sejam um marco de influência ao longo do rio.

Considerações finais

Neste trabalho buscou-se compreender a ocupação ceramista do sítio arqueológico Barracão. Os vestígios cerâmicos coletados no referido sítio se assemelham a antiga (e não mais utilizada) tradição arqueológica conhecida como “neobrasileira” definida por Dias (1998) e Chmyz (1976). Nas palavras de Chmyz:

“Uma tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por povos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso domestico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnosticadas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, bases planas em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneiras.” (CHMYZ, 1976B, P.145, APUD ZANETTINI, 2005, p.248).

Zanettini (2005) acredita que esse termo reduz os mais diversos contextos de produção oleira nos mais de 500 anos de existência Brasileira, passando a denominá-lo “cerâmica de produção local/regional” (ZANETTINI 2005, p.249), o que nos parece ser um termo mais apropriado. Um caminho que nos parece ser promissor que pode nos ajudar a compreender essa cerâmica de produção local/regional é buscar compreender o processo de ocupação colonial do baixo São Francisco. Nesse sentido o arquivo público de algumas cidades históricas ribeirinhas como Piranhas e Penedo podem conter informações que ajudem a entender essas relações entre colonizadores, povos nativos e africanos escravizados.

Outro ponto que nos chamou atenção e pode ser relevante para futuras pesquisas são o que os dados etnográficos nos mostram, no universo indígena a produção cerâmica é vinculada ao gênero feminino (VIDAL, 2011; COSTA ,2008), enquanto o universo do torno é associado ao gênero masculino. Como se dá esse processo de transição feminino para masculino? Será possível identificar marcas nos vestígios que nos remetam a esse processo? Porque dessa inversão? Essas são algumas questões que surgiram ao longo do processo de construção desse trabalho e que podem nortear futuras pesquisas.

Com as análises concluídas pudemos atestar uma continuidade temporal de longa duração da ocupação do sítio arqueológico Barracão, a variabilidade do material cerâmico pode nos levar a dois momentos distintos da ocupação pelos povos que ali habitaram. Um momento pré-colonial com uma cerâmica parecida com as de outros sítios arqueológicos da região e um momento pós contato com europeu, na qual

pudemos constatar uma semelhança com a tradição arqueológica de produção local/regional. Tal continuidade é marcada por contatos entre culturas distintas que se refletem na materialidade encontrada no sítio. A presente pesquisa buscou agregar conhecimentos sobre o sítio Barracão e sobre baixo curso do rio São Francisco que juntamente com as pesquisas vinculadas ao projeto PROBASÃO, visam dar uma posição de destaque nacional a área em questão.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, F. de. **A tradição policroma no alto rio Madeira**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 650. 2013.

ALMEIDA, F. O de & KATER. T. As cachoeiras como bolsões de histórias dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas. **Revista Brasileira de História**, vol.37, nº 75, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n75-02a>

ALMEIDA, F. O. & KLOKLER, D. M. **Do Sertão para o Mar: A Fluidez de Pessoas, Ideias e Estilos Tecnológicos na História das Populações Ceramistas do Baixo São Francisco (AL-SE)**. Projeto de pesquisa, 2016.

BROCHADO, P. J.; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica guarani a partir dos fragmentos. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v.XX, n.2, p. 107-118, dezembro, 1994.

BUENO, L; DIAS, A. **Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro**. estudos avançados, v. 29, n. 83, p. 119-147, 2015.

Caderno da Região Hidrográfica do São Francisco. Ministério do Meio Ambiente/Secretária de Recursos Hídricos. Brasília, DF. 2006.

COSTA. C.C.C; **A cerâmica Barra: transformações e representações**. 2008. Dissertação (Mestrado em artes visuais) - programa de pós-graduação em artes visuais, universidade federal da Bahia, Salvador.

COSTA, F.J.C.B; MAGALHÃES, E.M.de M.; LYRA, M.C. De A.;SANTOS, M.M. dos; JÚNIOR, R.C. dos S.; MONTENEGRO, S.C.S.; **Recomposição da Ictiofauna Reofílica do Baixo São Francisco**. Instituto de Desenvolvimento Científico e Tecnológico de Xingó. Canindé do São Francisco- SE. 2003.

DANTAS, B. G. A tupimania na historiografia sergipana. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº 29, 1983-87, p.39-47

DANTAS, B. G. **Os índios em Sergipe**. In: Diana M. Diniz (cordenador). Textos para a história de Sergipe. Universidade Federal de Sergipe/BANESE. Aracaju, p. 19-60. 1991.

DANTAS, B. G; SAMPAIO, J. A. J; CARVALHO, M. R. G. **Os povos indígenas no Nordeste brasileiro**. In: Manoela Carneiro da Cunha (org.) História dos Índios no Brasil. Editora Schwarcz. São Paulo, 2ª Ed. p. 431-456. 2009.

DANTAS, E. N. **As escolhas do tempo na cerâmica arqueológica no sítio Vitória Régia I**, Monografia de Conclusão de Curso, UFS, 2018.

DANTAS, V. J; LIMA, A. T. **Pausa para um Banquete**: Análise das marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe. Museu de Arqueologia de Xingó. 150p. 2006.

DIAS JR, O. A cerâmica neo-brasileira. **Arqueo-IAB, Textos Avulsos**, v. 1, p. 3-13, 1988.

ETCHEVARNE, C. A Ocupação Humana do Nordeste Brasileiro Antes da Colonização Portuguesa. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p. 112-141, dezembro/fevereiro 1999-2000.

FAGUNDES, M. **Sistema de Assentamento e Tecnologia Lítica**: Organização Tecnológica e Variabilidade no Registro Arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil. 2007. 660 folhas. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

FAGUNDES, M. **Análise intra-sítio do sítio Justino, baixo São Francisco - as fases ocupacionais**. Revista de arqueologia, V.23, nº2, p.68-97, 2010.

GHIGGI, V. P. **A linguagem simbólica nas pinturas parietais da Fazenda Mundo Novo-Sergipe**. Dissertação - programa de pós-graduação em arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras 2015.

GUIDON, N. As ocupações pré-históricas do Brasil – excetuando a Amazônia. In: **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras. V. 2 1998, p. 37-52.

GUIMARÃES, M. B. C. **Do lixo ao luxo: as premissas teórico-metodológicas ea noção de sambaqui**. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

HOHENTHAL, J.W.D. **As tribos indígenas do médio e baixo são Francisco**. Rev. Do museu Paulista, são Paulo: museu Paulista, v.12, 1960.

LUNA, S. A. C. **As populações Ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**. 2001. 306 p. Tese de doutorado em História no Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LUNA, S. A. C. *As Pesquisas Arqueológicas sobre Cerâmica no Nordeste do Brasil, Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, MAX/UFS, v.08, p.167-206, 2006.

LUNA, S; NASCIMENTO, A. **Estudos da cerâmica arqueológica dos sítios São José 1 e 2 (Delmiro Gouveia - AL)**. Museu Arqueológico de Xingó, 2000.

LUNA, S; NASCIMENTO, A. Análise preliminar do material cerâmico. In: **Relatório final do Salvamento Arqueológico de Xingó**. 1. Ed. Aracaju: UFS, 2002.

MARTINS, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Ed. Universitária da UFPE, 5. ed, Recife, 2008.

MELATTI, J. C. A população indígena brasileira. In: **índios do Brasil**. São Paulo: editora da universidade de são Paulo. 2007. Cap 3, p 43-55.

MORALES, W.F. **A cerâmica “neo-brasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificacao cultural atraves dos vestigios materiais na vila de Jundiá do século XVIII**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Sao Paulo,77: 165-187, 2001.

OLIVEIRA, A. C. **Abordagem teórica dos grupos pré-históricos ceramistas no Nordeste**, Canindé – *Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, MAX/UFS, v.01, p.09-36, 2001.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, DF: Universidade Federal de Brasília, 1992.

QUEIROZ, L. A. P. **Água fria é no pote do Cariri cearense**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE, p. 266. 2015.

ROSA, A. O. **A IMPORTÂNCIA DOS MARISCOS NA SUBSISTÊNCIA DE ANTIGOS GRUPOS INDÍGENAS NO LITORAL CENTRAL**.

SANTOS, J. O; MUNITA, C. S. **Estudos arqueométricos de sítios arqueológicos do Baixo São Francisco**. Museu de Arqueologia de Xingó, 2007. 150p.

SCHIFFER, M. B. & SKIBO, J. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**; 62(1); 1997; p.27-50.

SCHUSTER, A. J. **Variabilidade cerâmica do sítio cipó – al, xingó**. Monografia de Conclusão de Curso, UFS, 2018.

SOUZA, M. A.T. **Divisões sociais, utensílios cerâmicos e o preparo da farinha de mandioca no Brasil colonial**. Clio–Série Arqueológica.

SOUSA, O. S; BARRETO, A. F. M; SANTOS, O. J; Et Al. Datação de Artefatos Arqueológicos de Xingó por Termoluminescência, Xingó. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, MAX/UFS, v.08, p.139-150, 2006.

SOUZA, V. S. **Particularidades e similaridades do registro Rupestre da fazenda mundo novo em Canindé de São Francisco- SE**. 2013.

VERGNE, C. **Cemitérios do Justino**: Estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe. Museu de Arqueologia de Xingó. 212p.

VERGNE, C. et al. **Relatório parcial das escavações e trabalhos laboratoriais do Sítios Barracão, Barragem e Cipó – Canindé do São Francisco**: UFS, fevereiro de 2006.

VERGNE, C. et al. **Relatório final das escavações e análises laboratoriais do Sítios Barracão, Barragem e Cipó – Canindé do São Francisco**: UFS, novembro de 2007.

VERGNE, C. et al. **Salvamento Arqueológico de Xingó: Relatório Final**. Museu de arqueologia de Xingó, Universidade Federal de Sergipe, 2002.

VERGNE, C; FAGUNDES, M; CARVALHO, F. A; Et Al. Estudos Tecnológicos e Tipológicos da Cerâmica Arqueológica do Sítio Curituba I, Canindé de São Francisco – SE, **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, MAX/UFS, v.08, p.151-166, 2006.

VERGNE, C; POZZI, H. A; SILVA, J. C. Reflexões sobre as técnicas de confecção dos Artefatos Líticos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco- SE: in: **Canindé- revista do museu arqueológico de xingó**. Nº1. Dezembro de 2001, p. 117-128.

VIALOU, A.V; VIALOU, D. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**. vs. 11 e 12, n. 20 e 21, jul./dez. 2008 e jan./jun. 2009, p. 33-54.

ZANETTINI, P. E. **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista**. 2005. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

<http://www.cultura.al.gov.br/municipios/historico-dos-municipios/historico-do-municipio-de-porto-real-do-colegio> acessado em 19/05/2018.

<http://www.cultura.al.gov.br/municipios/historico-dos-municipios/historico-do-municipio-de-piranhas> acessado em 19/05/2018.

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xok%C3%B3> acessado em 19/05/2018.

Anexos

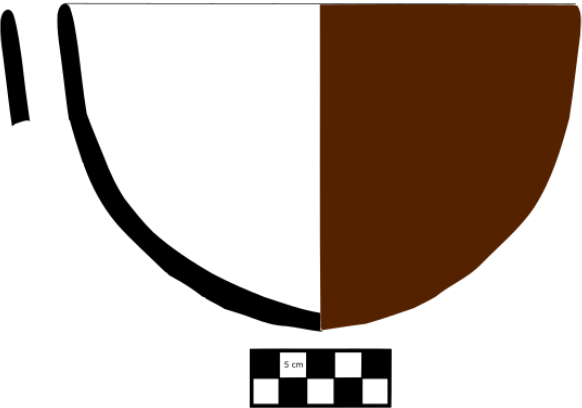
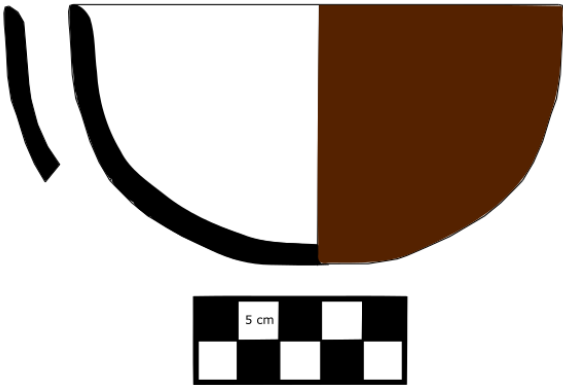
ANEXO A – Ficha base utilizada na análise cerâmica.

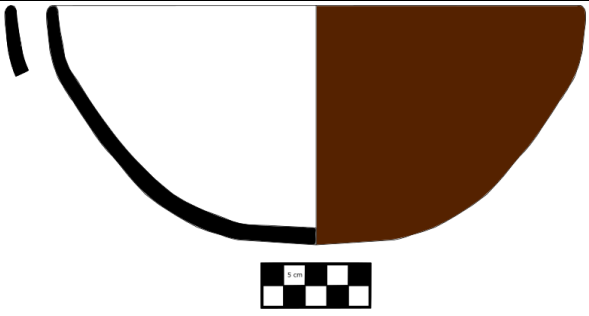
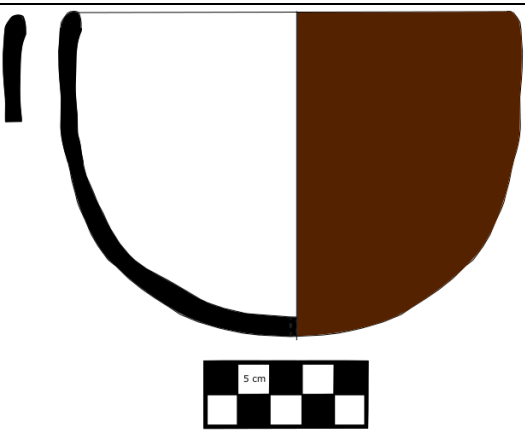
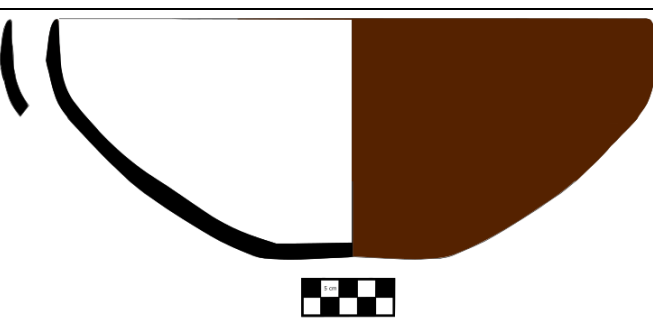
Código de Análise Cerâmica		2016 PROBASÃO
1. Categoria 0: Não identificada 1: Parede 2: Borda 3: Base 4: Bolota de Argila 5: Roda de Fuso 6: Carena 7: Rolete 8: Asa 9: Aplique/Apendice 10: Alça 11: Adorno 12: Ombro 13: Outro	10. Alisamento FI 1: Fino 2: Médio 3: Grosso 4: Polido	20. Espessura do Lábio (cm) 21. Diâmetro da Boca (cm) 22. Porcentagem da Borda
2. Técn. de Manufatura 0. Não identificada 1. Acordelada 2. Modelada 3. Placas	11. Alisamento FE 1: Fino 2: Médio 3: Grosso 4: Polido	23. Base 1: Convexa 2: Plana (com pt angular) 3: Plano-Convexa (sem pt ang) 4: Côncava 5: Anelar 6: Em Pedestal
3. Antiplástico 1. Mineral 2. Argila Moída 3. Cerâmica/caco Moído	12. Tratam. de Superfície FI 1: Eng Vermelho 2: Eng Branco 3: Eng Marrom (Barbotina) 4: Esfumado (Resina) 5: Brunidura	24. Diâmetro da Base (cm) 25. Espess. do Fragmento (cm)
4: Carvão 5. Concha 6. Outros	13. Tratam. de Superfície FE 1: Eng Vermelho 2: Eng Branco 3: Eng Marrom (Barbotina) 4: Esfumado (Resina) 5: Brunidura	26. Decoração Plástica 1:Corrugado 2 Inciso Fino 3: Inciso Largo 4: Exciso 5: Ungulado 6: Digitungulado 7: Digitado
4. Mineral 1. Quartzo 2. Óxido de Ferro 3. Mica 4. Feldspato 5. Calcáreo 6. Grafite 7. Outros	14. Marcas 1: Folha 2: Furo 3: Cestaria 4: Marca de Dedo 5: Alisamento/ Polimento 6: Outros	8: Filete Aplicado 9: Entalhado 10: Ponteadado 11. Escovado 12: roletado 13:inciso/escovado 27. Decoração Pintada 1: Vermelha 2: Branca 3: Preta
5. Espes. do Antiplástico 1: <1mm 2: 1mm =< e < 3mm 3: 3mm =< e <5mm 4: <=5mm	15. Sinais de Uso 1: Fuligem FI 2: Fuligem FE 3: Película de Alimento FI 4: Película de Alimento FE 5. Outros	28. Motivo Pint./ Inciso 1:Horizontal 2: Vertical Curta 3: Vertical Longa 4: Transversal 5: Trançada 6: Triangular 7: Ângular 8: Espiral 9: Ondular 10: Curvilíneas 11: Em Grega 12: Complexa
6. Porct.do Antiplástico 1: 5% 2: 10% 3: 20% 4: 30%	16. Morfologia da Borda 1: Direta 2: Extrovertida 3: Introvertida 4: Cambada 5: Extrov com Ponto Angular 6: Extrov com Ondulação	29. Local da Dec. FI 1: Lábio 2: Borda 3: Bojo Superior 4: Bojo Inferior 5: Parede
7. Cor da Superfície (FI) 1: Branco 2: Amarelo 3: Laranja 4: Vermelho 5: Cinza	17. Inclinação da Borda 1: Vertical 2: Inclínada Inter 3: Inclínada Ext	
	18. Espessura da Borda 1: Normal 2: Expandida	

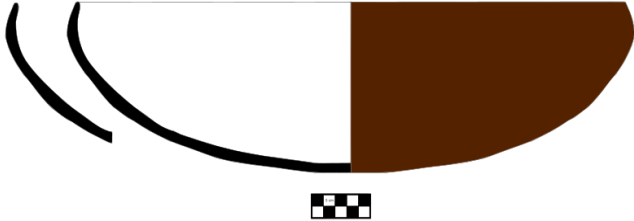
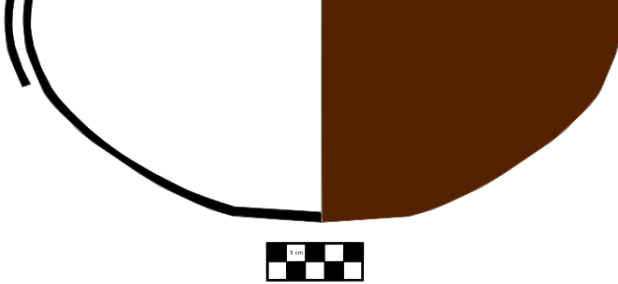
6: Preto	3: Refor Intern	6: Base
7: Marrom	4: Refor Ext	
	5: Reforçada	
	6: Dobrada	
	7: Contraída	
8. Queima (vide modelo)		30. Local da Dec. FE
		1: Lábio
		2: Borda
		3: Bojo Superior
		4: Bojo Inferior
		5: Parede
		6: Base
9. Estado de Conservação	19. Lábio	
1 Não Erodido	1: Arredondado	
2: Erodido FE	2: Plano	
3: Erodido FI	3: Apontado	
4: Erodido AF	4: Biselado	

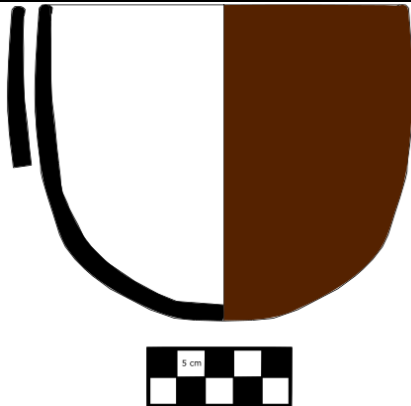
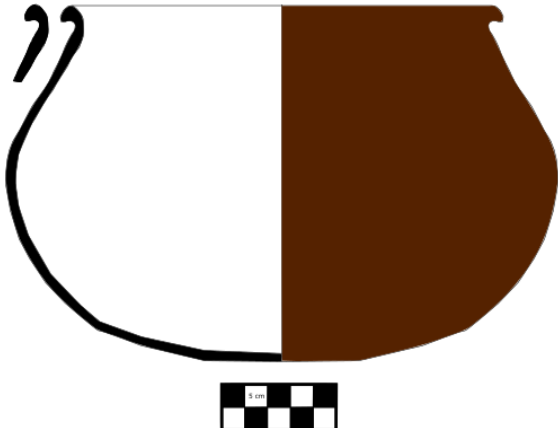
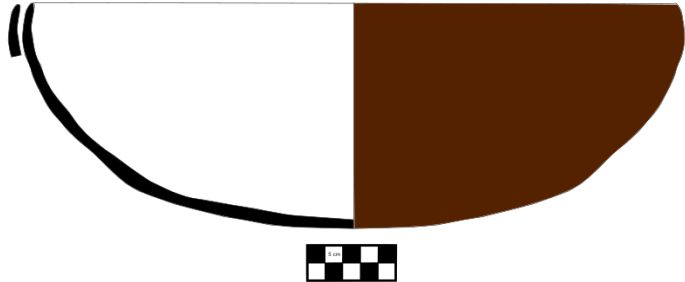
Figura 27. Ficha base utilizada na análise cerâmica.

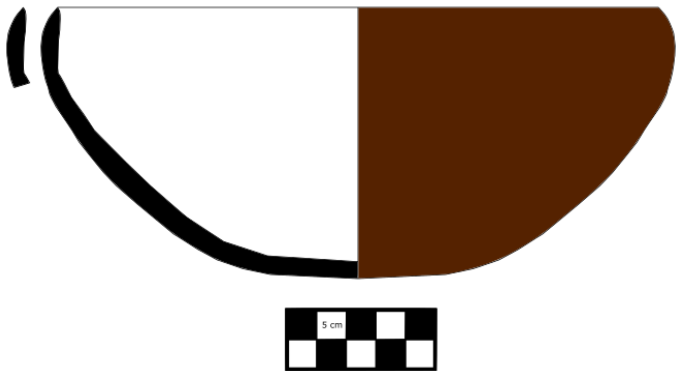
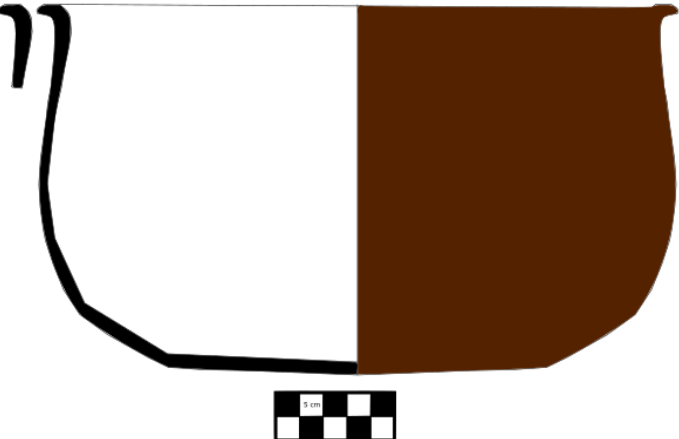
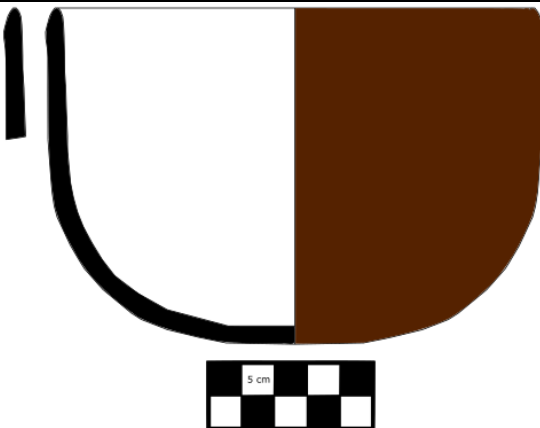
ANEXO B – Vasilhames reconstituídos e suas características.

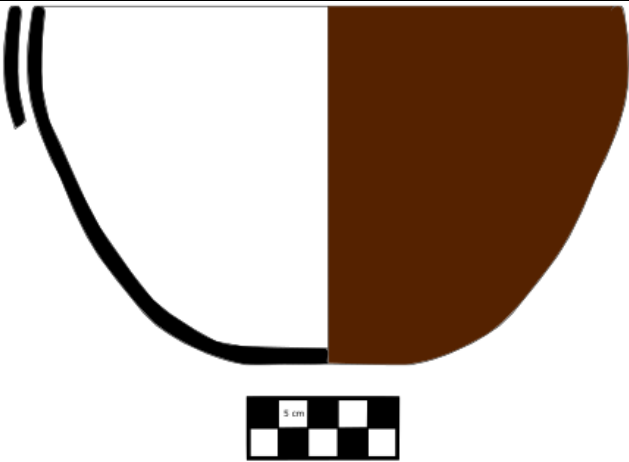
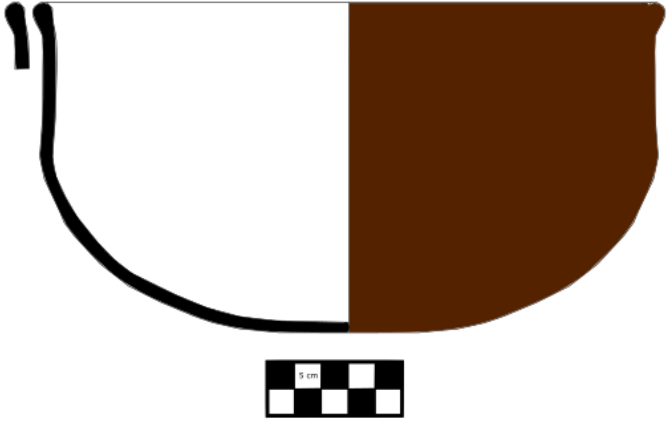
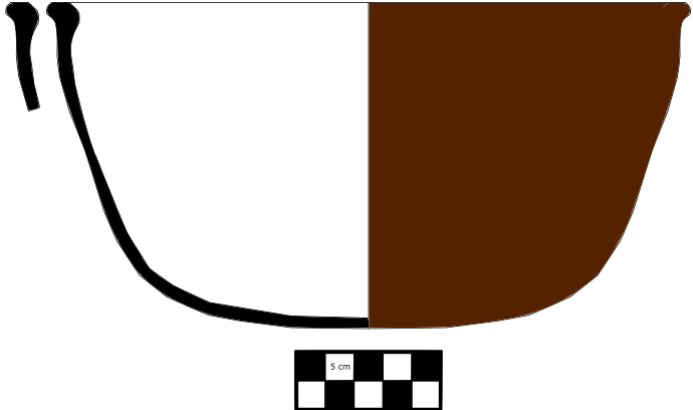
Nível 16	
	Peça 62320 - Vol. 1,489 L. Diâmetro da boca 19. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação vertical, espessura contraída e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 4.
Nível 15	
	Peça 62348 - Vol. 0,368 L. Diâmetro da boca 11. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio plano. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo marrom e uma cor marrom. FORMA 4.
Nível 12	

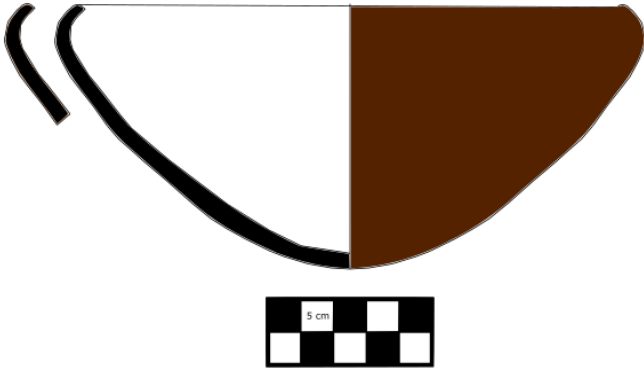
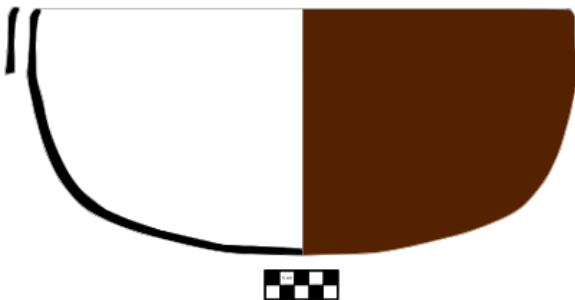
	<p>Peça 71516 - Vol. 2,577 L. Diâmetro da boca 24. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação vertical, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 4.</p>
Nível 10	
	<p>Peça 71918-3- Vol. 0,632 L. Diâmetro da boca 13. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 4.</p>
Nível 09	
	<p>Peça 71371- Vol. 4,860 L. Diâmetro da boca 32. Vasilha em formato de calota com contorno simples e boca aberta. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 2.</p>

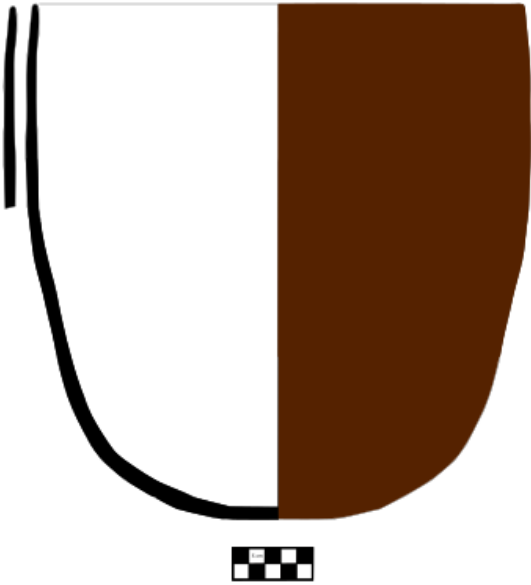
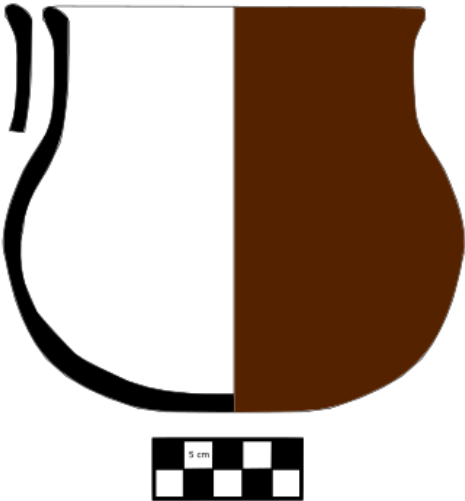
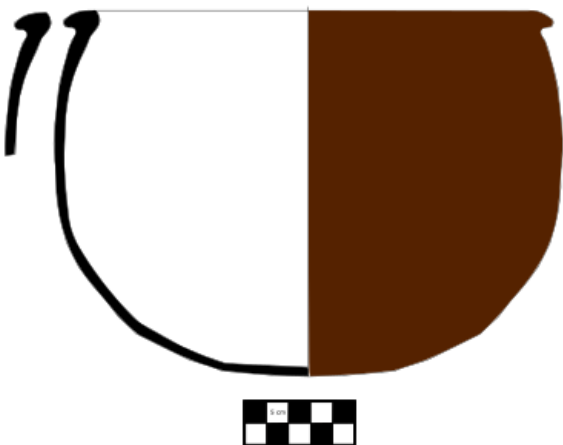
Nível 07	
	<p>Peça 71282-6- Vol. 9,719 L. Diâmetro da boca 44. Vasilha em formato de calota com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 2.</p>
Nível 06	
	<p>Peça 71227-5- Vol. 0,719 L. Diâmetro da boca 13. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca aberta. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 4.</p>
Nível 05	
	<p>Peça 71102- Vol. 5,220 L. Diâmetro da boca 30. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento apresenta tratamento de</p>

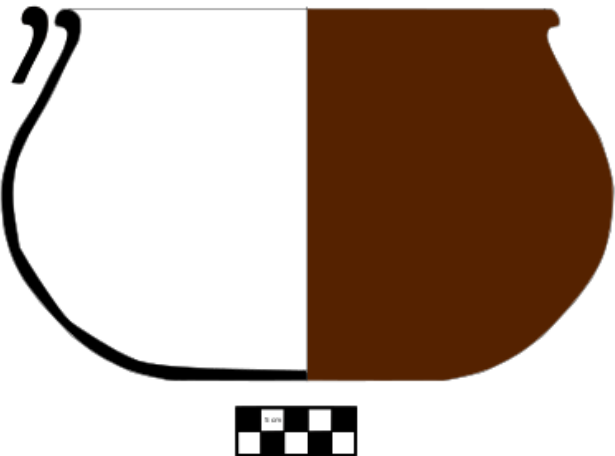
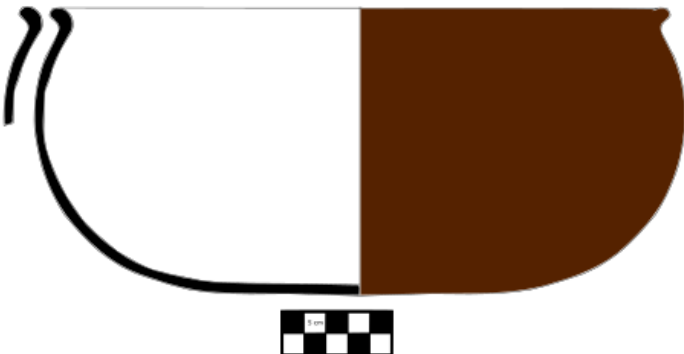
	superfície engobo marrom e uma cor marrom. FORMA 4.
	Peça 71194-3 Vol. 0,745 L. Diâmetro da boca 12. Vasilha esferica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação vertical, espessura contraída e lábio arredondado. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo marrom na FE e uma cor marrom. FORMA 3.
	Peça 71200 - Vol. 2,978, L. Diâmetro da boca 18. Vasilha esferica com contorno simples e boca constrita. Borda direta, com inclinação interna, espessura com reforço externo e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor amarelo/ocre. FORMA 5.
Nível 04	
	Peça 71769 - Vol. 7,887 L. Diâmetro da boca 36. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento


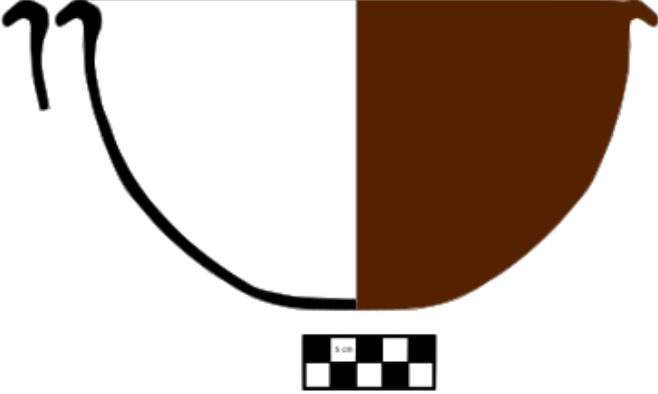
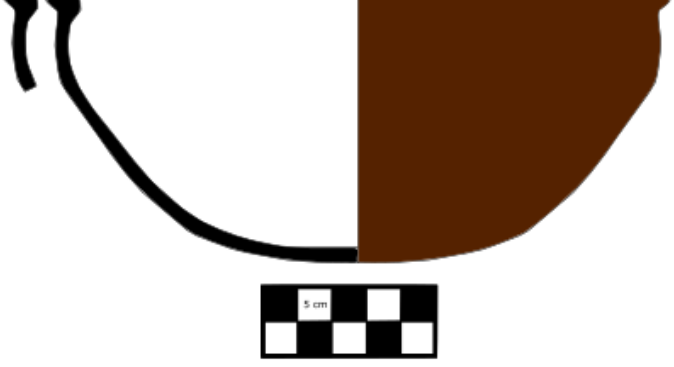
	não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 4.
	<p>Peça 70760 - Vol. 1,365 L. Diâmetro da boca 20. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 4.</p>
	<p>Peça 70968-3 - Vol. 4,287 L. Diâmetro da boca 24. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca aberta. Borda extrovertida, com inclinação extena, espessura normal e lábio plano. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor cinza. FORMA 4.</p>
	<p>Peça 70916 - Vol. 0,917 L. Diâmetro da boca 14. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação vertical, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo branco em ambas as faces e uma</p>

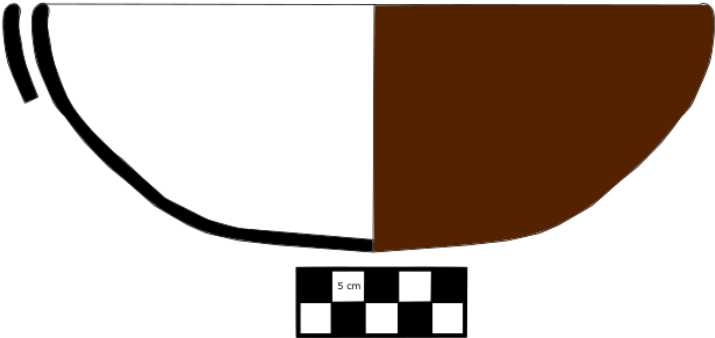
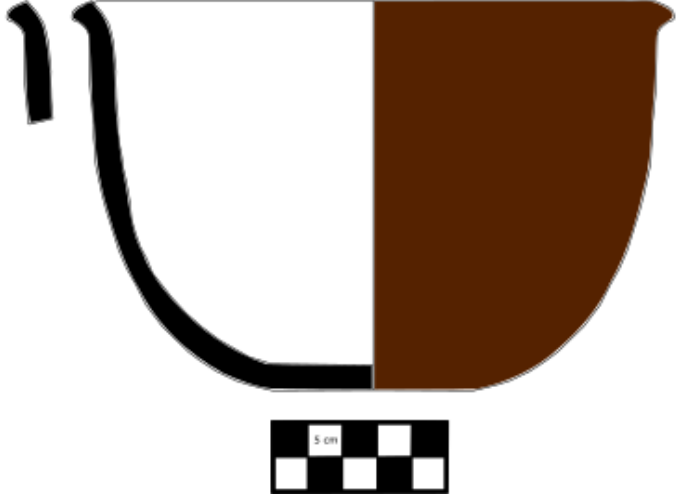
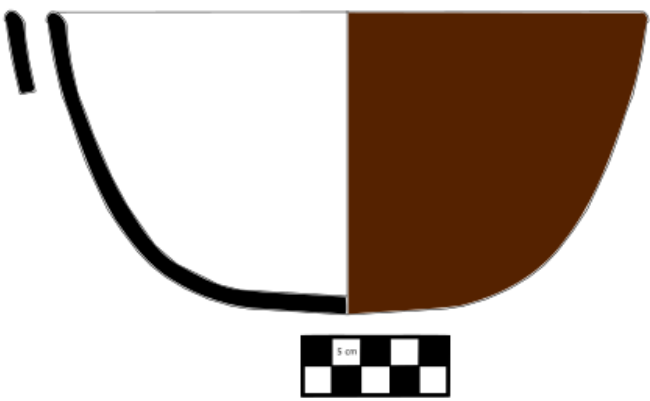
	<p>cor branca. FORMA 4.</p> <p>Peça 70911-1 - Vol. 1,522 L. Diâmetro da boca 19. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo marrom em ambas as faces e uma cor marrom. FORMA 4.</p>
	<p>Peça 70134-25 - Vol. 2,983 L. Diâmetro da boca 22. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca aberta. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo marrom em ambas as faces e uma cor marrom. FORMA 4.</p>
	<p>Peça 70985 - Vol. 1,825 L. Diâmetro da boca 20. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca aberta. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura com reforço interno e lábio plano. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo vermelho em</p>

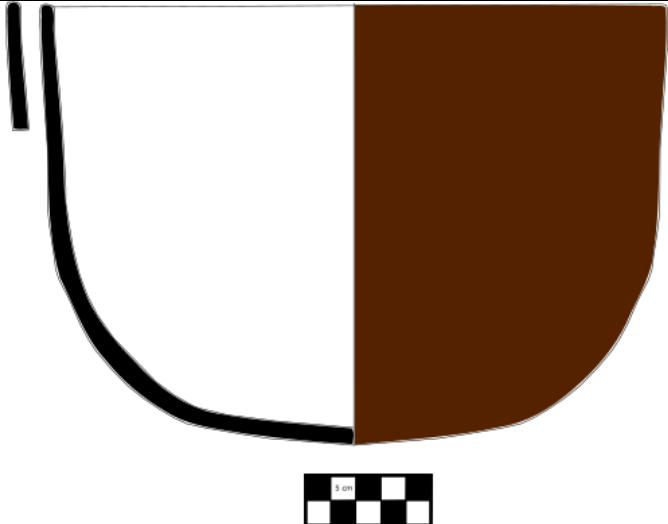
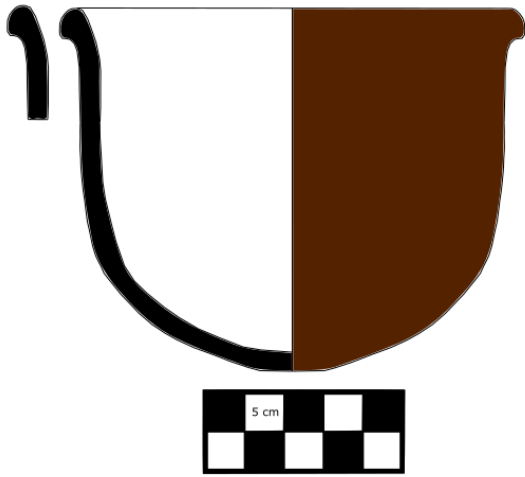
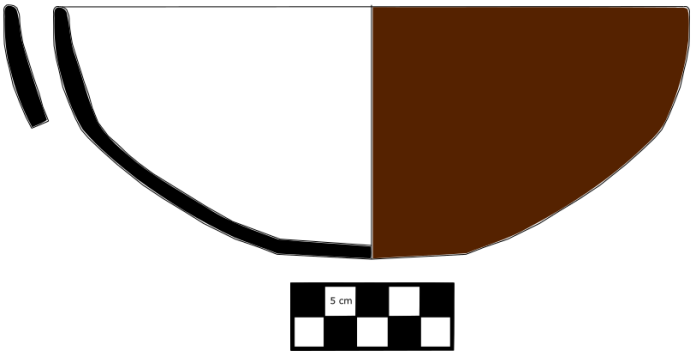
	ambas as faces e uma cor vermelha. FORMA 4.
Nível 03	
	<p>Peça 70489 - Vol. 0,949 L. Diâmetro da boca 20. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 1.</p>
	<p>Peça 71056-18 - Vol. 13,502 L. Diâmetro da boca 36. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 4.</p>

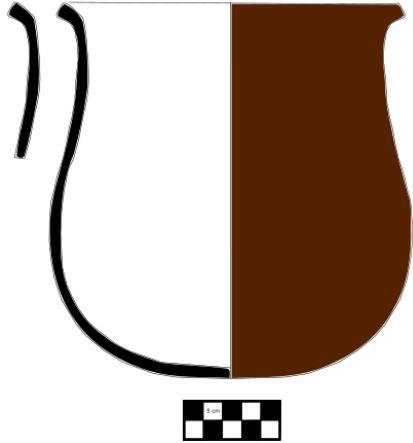
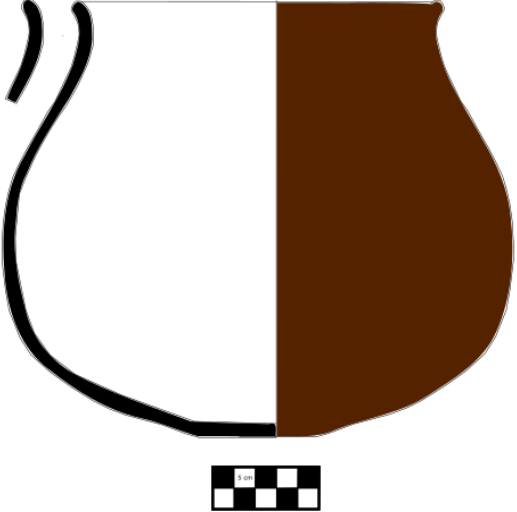
	<p>Peça 71057 - Vol. 13,671 L. Diâmetro da boca 30. Vasilha esferica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação vertical, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor cinza. FORMA 3.</p>
	<p>Peça 70735-25 - Vol. 1,209 L. Diâmetro da boca 12. Vasilha esferica com contorno simples e boca constrita. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo vermelho na FE e uma cor marrom. FORMA 5.</p>
	<p>Peça 70645-4 - Vol. 3,829 L. Diâmetro da boca 19. Vasilha esferica com contorno simples e boca constrita. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura com reforço intero e lábio plano. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e</p>

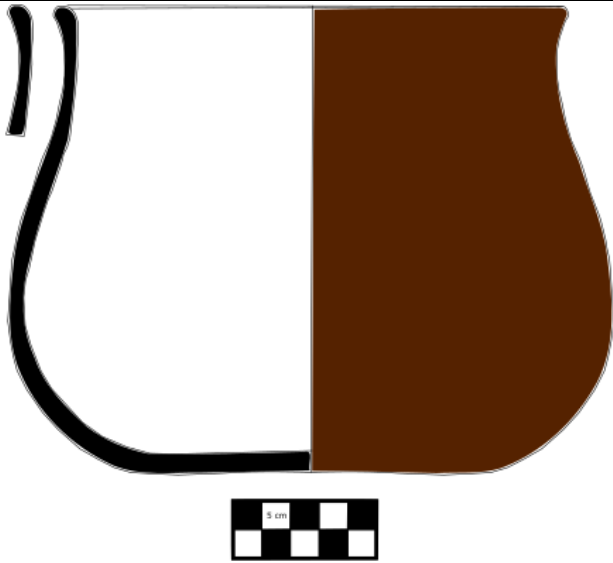
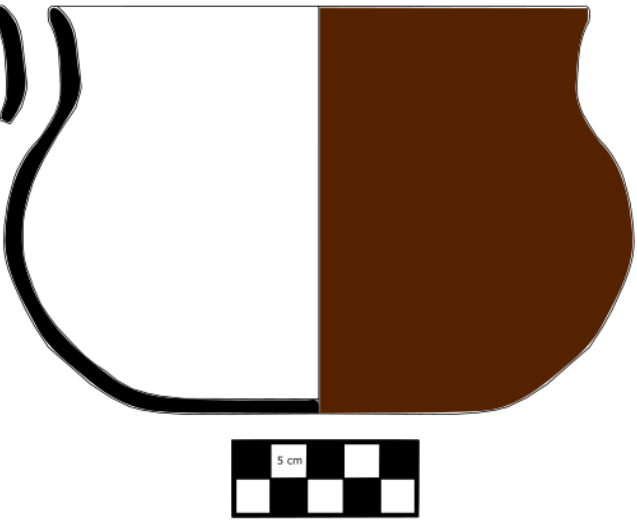
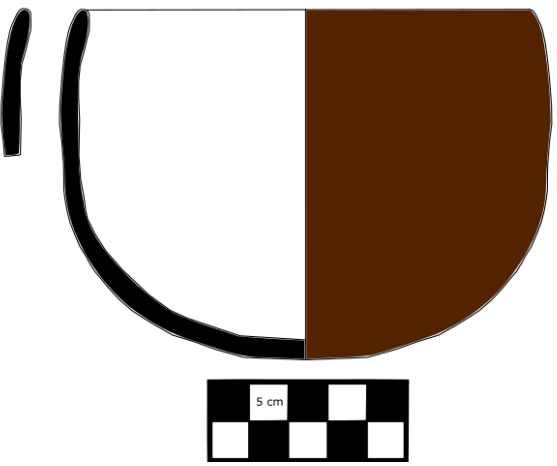
	uma cor marrom. FORMA 5.
	<p>Peça 70737-13 - Vol. 4,610 L. Diâmetro da boca 19. Vasilha esferica com contorno simples e boca constrita. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura com reforço intero e lábio plano. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 5.</p>
	<p>Peça 70546 - Vol. 5,540 L. Diâmetro da boca 19. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca constrita. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 1.</p>

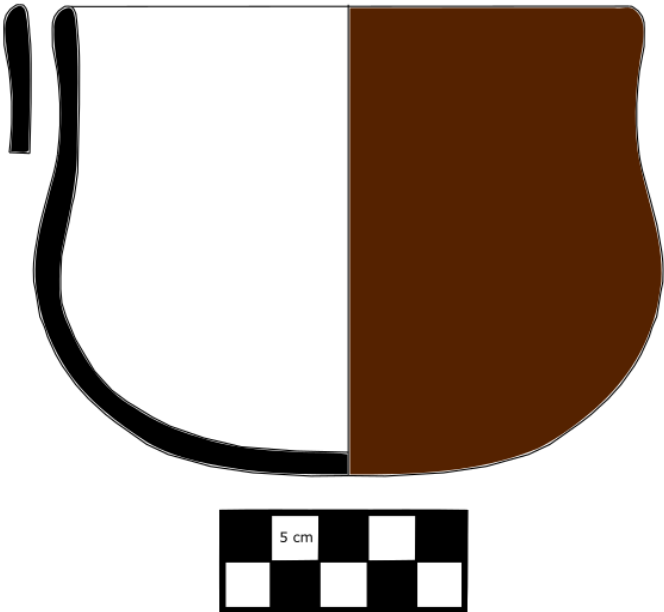
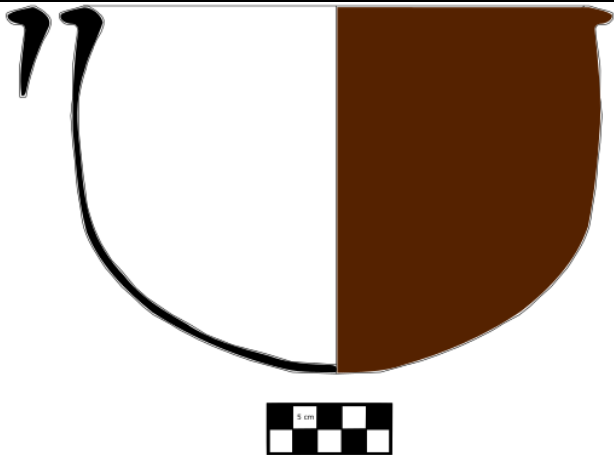
	<p>Peça 70737-14 - Vol. 2,152 L. Diâmetro da boca 12. Vasilha esferica com contorno simples e boca constrita. Borda direta, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 5.</p>
	<p>Peça 70675-10 - Vol. 2,152 L. Diâmetro da boca 20. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca aberta. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio plano. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 4.</p>
	<p>Peça 70735-23 - Vol. 1,082 L. Diâmetro da boca 16. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca constrita. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura com reforço interno e lábio plano. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo vermelho uma cor vermelha. FORMA 1.</p>

	<p>Peça 70736-22 - Vol. 1,704 L. Diâmetro da boca 11. Vasilha em formato de calota com contorno simples e boca aberta. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície uma cor marrom. FORMA 1.</p>
Nível 02	
	<p>Peça 70404-245 - Vol. 1,458 L. Diâmetro da boca 11. Vasilha esferica com contorno simples e boca aberta. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo marrom uma cor marrom. FORMA 3.</p>
	<p>Peça 70369-7 - Vol. 1,830 L. Diâmetro da boca 20. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 4.</p>

	<p>Peça 70414-45 - Vol. 5,512 L. Diâmetro da boca 24. Vasilha semiesferica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação vertical, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 3.</p>
	<p>Peça 70309-18 - Vol. 0,627 L. Diâmetro da boca 11. Vasilha esferica com contorno simples e boca aberta. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 3.</p>
	<p>Peça 70388-13 - Vol. 1,409 L. Diâmetro da boca 19. Vasilha seniesferica com contorno simples e boca aberta. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 4.</p>

	<p>Peça 70417-1 - Vol. 2,759 L. Diâmetro da boca 17. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio plano. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo vermelho na FE e uma cor marrom. FORMA 5.</p>
	<p>Peça 70456-18 - Vol. 4,318 L. Diâmetro da boca 17. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio plano. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo vermelho na FE e uma cor marrom. FORMA 5.</p>

	<p>Peça 70342-5 - Vol. 3,179 L. Diâmetro da boca 17. Vasilha esferica com contorno simples e boca constrita. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio plano. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo vermelho na FE e uma cor marrom. FORMA 5.</p>
	<p>Peça 70404-247 - Vol. 1,593 L. Diâmetro da boca 14. Vasilha esferica com contorno simples e boca constrita. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo vermelho na FE e uma cor marrom. FORMA 5.</p>
	<p>Peça 70312-3 - Vol. 0,620 L. Diâmetro da boca 11. Vasilha esferica com contorno simples e boca constrita. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo vermelho</p>

	na FE e uma cor marrom. FORMA 5.
	<p>Peça 70291-4 - Vol. 0,817 L. Diâmetro da boca 11. Vasilha esferica com contorno simples e boca constrita. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. O fragmento apresenta tratamento de superfície engobo vermelho na FE e uma cor marrom. FORMA 5.</p>
	<p>Peça 70455-17 - Vol. 3,220 L. Diâmetro da boca 20. Vasilha esferica com contorno simples e boca constrita. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura com reforço interno e lábio plano. O fragmento não apresenta tratamento de superfície e uma cor marrom. FORMA 5.</p>

ANEXO C - Volumetria dos vasilhames.

Peça nº:			
Altura	s1	s2	volume
			0
			0
			0
			0
			0
			0
			0
			0
			0

Instruções:

1. Dividir o vasilhame em faixas para tomar a medida dos raios (em centímetros).
2. Inserir as medidas dos raios na tabela, do raio superior (S1) para o inferior (S2).
3. Na última linha colocar:
 - 3.1. em S1: a última medida a partir da linha vertical até a parede do vaso (raio)
 - 3.2. na altura: a última medida da linha vertical (que deve ser menor que o intervalo que foi estipulado para as faixas anteriores).
 - 3.3. em S2: colocar 0 (zero)
4. Volume é dado em litros